

ESTE
LEGENDÁRIO

ESTEFANIA

FIBRA DE HERÓI



Fibra de Herói

M. L. Estefania

Os pesadelos de Betty a Vibora, como era conhecida em Portland, começaram quando Donald, amigo de John, sobrinho de Ben chegou na cidade. Betty dominava o negocio dos cabarés, o trafico de mulheres brancas era usual por estas bandas, serviam para alegrar os madeireiros que trabalhavam dia e noite para amealhar uns miseros cents. Os grandes negócios da venda das madeiras eram disputados por Van Dine, marido de Betty, e Tracy. Mortes e Trapaças eram mantidas em segredo pelo proprio xerife da cidade, a mando Betty.

*Disponibilização: Luka
Digitalização: Marina
Revisão: Ana Marques
Formatação: Edina*

CAPÍTULO 1

Markham, capitão do Alondra, uma fragata de sete mil toneladas, e Betty, conhecida em Portland como Betty a Víbora, conversavam. Betty era a dona do cabaré mais popular da cidade. Sobre a mesa diante deles, havia uma garrafa de uísque.

Markham encheu seu copo e falou, fitando Betty:

- Sem dúvida, dessa vez Ostronder soube escolher. São muito bonitas.

- Você sempre diz o mesmo... No entanto, aí estão: vaqueiros, colonos, rancheiros, lenhadores, todos fartos delas.

- Já estão há muito tempo aqui, e esse material precisa ser renovado... Mande estas para o norte, pagarão bem. Claro que são bonitas, mas já se cansaram delas. No norte farão sucesso. Nenhuma delas tem mais de vinte anos.

- Não farei nada sem ver a "mercadoria". Não insista, capitão.

- Não terá problemas com elas... Não foram embarcadas à força, como outras...

Vieram voluntariamente. O transporte está ficando difícil, as autoridades de Frisco estão cada vez mais vigilantes. Não vale a pena ser preso por uma ninharia, e na hora de pagar você não leva em consideração os riscos que corremos.

- Ostronder não veio?

- Logo virá com as garotas. Ficou conversando com elas.

- Não quero que venham para cá antes de eu ter dado minha aprovação.

- Você tem prioridade na aquisição e pode escolher as melhores, se a quantidade for muita. Mas para você, quanto mais garotas houver, melhor.

Dois bem vestidos sentaram-se à mesa, interrompendo-os, sem pedir licença.

- É verdade que vão chegar novas garotas, Betty?

- Sim - respondeu Markham.

- Olá, capitão! E como são? Bonitas? - Jovens e bonitas. - Quando poderemos vê-las? - Agora não devem demorar. Ostronder vem com elas.

Nesse instante, houve uma confusão na entrada do cabaré, onde uma multidão

se apinhara. Betty ouviu a voz de Ostronder, pedindo passagem. Levantou-se e foi ao encontro dele, seguida pelos três homens.

Ostronder entrou com quatro pequenas. Ao ver Betty, exclamou:

- Dessa vez não poderá fazer reparos ao que eu trouxe. Dê uma olhada!

Betty examinou as moças como se fossem objetos. Ordenou-lhes que dessem voltas. Uma delas, a mais alta e mais bonita, protestou:

- Se vou cantar, meu físico não deve ter a menor importância. Mas não acredito que seja aqui que devo cantar.

Betty franziu as sobrancelhas.

- Bem... - disse Ostronder. - Essa garota é cantora. Disse-lhe que faria muito sucesso aqui. Ainda não a ouvi, mas suas colegas afirmam que canta muito bem.

Betty continuava em silêncio, olhando a jovem cantora.

- Há um palco naquele canto. - disse. - Se o preço me interessar, você poderá cantar aqui. Não é um teatro, mas creio que serve.

Betty ouvia os comentários entusiasmados dos homens, sobre a beleza da jovem. Os dois homens que tinham estado em sua mesa eram dos mais entusiastas.

- Isso sim, é que é uma garota bonita - disse um.

O capitão e Ostronder sorriam satisfeitos.

- Talvez seja um pouco alta... - disse Betty...- Será que acha isso um defeito? - disse o outro elegante.

- Eu sei o que digo - retrucou Betty, que sorria ao fitar a cantora.

- Não me disseram que teria de cantar num lugar como este. Fui enganada!

- Eu ainda não disse se você pode cantar aqui - replicou Betty... - Tenho de resolver.

- O que achou delas, Betty? - indagou Ostronder.

- Não são más. . . e o principal é que são jovens, Quanto?

- Dois mil as quatro - disse Ostronder.

- Você está louco! Não me interessa.

- Está bem, não há de ser nada. Outro se interessará.

Betty lançou-lhe um olhar agressivo.

- Sentem-se, garotas. - disse Ostronder - e podem beber. Daqui a pouco iremos a outro lugar. Quando os lenhadores do monte descerem à cidade, ficarão entusiasmados com vocês.

As moças da casa olhavam as recém-chegadas com atenção. Concentravam-se sobretudo na cantora.

- Isso é um abuso, Ostronder! - disse Betty.

- Não vamos discutir, Betty, você já disse que o negócio não lhe interessa. Não se fala mais nisso. São Francisco está mudando! Vai se tornar a cidade mais importante da União. Quando voltar lá, não vai reconhecê-la, Betty. Os barcos chegam e partem sem parar... Já pediram bebida, garotas?

- Mil e duzentos pelas quatro! - propôs Betty.

- Um momento! - protestou a cantora. - Estão pensando que somos reses? Estão

enganados! Isso não é um leilão e eu não estou à venda!

- Paguei a viagem de vocês - alegou Ostronder.

- A minha não, paguei de meu bolso. Você disse que conhecia quem me pagaria bem para cantar.

Ostronder lançou um olhar a Markham. É verdade isso? - inquiriu.

- Bem... é verdade que ela pagou a passagem. .. O oficial não sabia que ela vinha com você.

- Dá na mesma - disse Betty... - Se me interessar, ela ficará aqui. E já que ela não lhe pertence, deve excluí-la do total. Portanto dou oitocentos dólares pelas outras três. Você gastou trinta com cada uma, para trazê-las. Terá um bom lucro.

- Gastei muito mais. Ou pensa que não comeram durante toda a viagem?

- Está certo, vamos dizer que gastou cem dólares com cada uma, Ainda lucra quinhentos com as três.

A cantora deu meia volta e caminhou para a porta.

- Vou procurar um hotel...

- Ei, você! - gritou Betty. - Volte aqui!

- Dou-lhe cem dólares por ela - disse Betty a Ostronder. - Isso me dá direitos sobre ela, não é verdade?

- Claro...

Betty fez sinais a seus empregados e estes se postaram na frente da jovem.

- Vá conversar com Betty! - disse um.

- Já disse que vou procurar um hotel.

- Não seja tola e obedeça! - disse outro.

- Não sabem que a escravidão já foi abolida? Houve um coro de gargalhadas e a jovem começou a ficar nervosa.

- Trate de ser obediente e não crie problemas - disse Betty. - Se se comportar, viverá bem aqui, mas se mostrar rebeldia, os lenhadores se encarregarão de amansá-la. E não me faça perder a paciência... esse rosto bonito que você tem pode mudar muito com um chicote. Já vi alguns, depois de um tratamento desse tipo... garanto-lhe que não ficaram muito agradáveis de se ver.

Era uma ameaça clara e a jovem compreendeu que Betty seria capaz de cumpri-la.

- Não estou à venda. . .

- Está de acordo, Ostronder? - o tom de Betty fez Ostronder empalidecer.

- Está bem. Dê-me mil pelas quatro.

- Faça um recibo de venda. O capitão e estes amigos assinarão como testemunhas. Vocês, mostrem a essas pequenas os quartos em que ficarão. Hoje devem descansar e amanhã começam a trabalhar.

- Lysa não é como nós - disse uma das recém-chegadas. - É melhor deixá-la procurar um hotel.

- Quando eu precisar de seus conselhos, eu mesma aviso. Enquanto isso, trate de ouvir e se calar.

- Como se chama, garota? - perguntou um dos fregueses à cantora.

- Lysa - respondeu uma das outras.

- Já disse que não estou à venda e aviso que recorrerei às autoridades!

- É fácil! - disse Betty, - O xerife logo virá aqui para ver vocês.

Lysa compreendeu que o xerife devia estar mancomunado com Betty. Resolveu não discutir mais e esperar por uma chance de escapular dali. Estava se convencendo de que protestar era inútil. E notara como

Ostronder empalidecera; isto indicava que Betty devia ter muito poder na cidade. O melhor era usar de astúcia. Como para confirmar as palavras de Betty, o xerife apareceu.

- Disseram-me que chegaram novas garotas - disse a Betty.

Ao ver Lysa, assoviou.

- Caramba! É uma pequena e tanto! Acho que nunca vi nada igual por aqui! Será um sucesso!

- Mas ela prometeu pedir auxílio às autoridades - disse Betty, rindo.

- É mesmo? Para quê?

- Não quer ficar aqui. Pretende ir para um hotel.

- É uma idéia tola, você aqui ficará muito bem garota. Betty é uma excelente patroa.

- O que espera? - exclamou Betty. - O xerife está aqui. Não vai lhe dizer nada?

Logo depois, Betty voltou-se para o xerife.

- Tenho o documento de compra, xerife.

- Está bem, Betty, não duvido de você.

- Concorda que tenho o direito de exigir que esta pequena trabalhe aqui?

- Naturalmente. Não pode perder seu dinheiro.

Lysa sorria. Dizia a si mesma que nenhum deles sabia como ela era. Acabou se convencendo de que as autoridades estariam sempre ao lado de Betty; seria inútil recorrer a elas.

Foi com as outras para os quartos.

- Não desafie Betty abertamente - disse-lhe uma das que vieram com ela. - Parece uma mulher inescrupulosa. E as autoridades estão ao lado dela.

- Já percebi - retrucou Lysa. - Não se preocupe, não vou discutir mais.

- Mas este ambiente não serve para você. Conosco é diferente, estamos acostumadas.

- Evitarei discussões sempre que possível. Mas se esta mulher me provocar muito, acabarei por mata-la. Creio que me "recomendará" aos fregueses de confiança... Ela não sabe como se arrisca!

Dois fregueses conversavam com Betty sobre as novas garotas.

- Terá dificuldades com essa pequena - disse um.

Betty soltou uma gargalhada,

- Ela cumprirá minhas ordens - disse. - Os rapazes de Van Dine cuidarão dela, se continuar rebelde.

Horas depois, os fregueses começaram a lotar o cabaré e perguntavam pelas pequenas recém-chegadas.

- Amanhã vocês as verão. Estão descansando. Foi uma viagem longa e cansativa.

- Contaram-me que uma delas é excepcionai - disse Leo, o capataz de Van Dine, dono de uma companhia madeireira.

- E não o enganaram. É uma mulher muito bonita.- disse Betty.

Mas era evidente que o fazia com desgosto. Doía-lhe que outra mulher fosse mais bonita que ela e fascinasse os homens a tal ponto.

Assim como Leo, os outros homens também só falavam de Lysa. Betty foi ficando cada vez mais irritada. Começava a ser colocada em segundo plano, quando, até então, fora sempre a mais cortejada.

Van Dine chegou com um grupo de madeireiros, seus sócios, e também perguntou por Lysa. A irritação de Betty foi tanta que êle percebeu. Deu uma risada.

- Se a beleza da jovem a irrita, por que não a deixa ir para outro lugar?

- Paguei por ela e terá de trabalhar aqui!

Van Dine, que conhecia Betty, teve pena de Lysa. Um de seus sócios pediu a Betty que chamasse Lysa para que eles a ficassem conhecendo. Betty concordou e mandou uma de suas empregadas chamá-la. A moça atendeu, disposta a evitar complicações.

Os madeireiros se entusiasmaram com a beleza da jovem e elogiaram-na repetidas vezes. Betty, sempre sorrindo, disse:

Pode se sentar com eles. Lysa olhou para Betty, também sorrindo, e obedeceu. Meia hora depois os madeireiros estavam irritados, pois Lysa não dava resposta ao que diziam.

- Betty! - chamou Van Dine. Betty acercou-se.

- Essa garota não disse uma palavra, desde que sentou aqui. Por que não a manda embora? É bonita, mas irrita qualquer um. Pode crer que não é negócio mantê-la aqui.

- Posso me retirar? - perguntou Lysa.

- Sim! Fora daqui! - gritou Van Dine.

- Não! - disse Betty. - Continue aí.

- Não em nossa mesa! - exclamou um dos sócios de Van Dine.

E todos eles se levantaram, dispostos a partir.

- É melhor mandá-la embora! - acrescentou Van Dine.

- Não! Ela parece disposta a me desafiar...

- É porque não a conhece - disse um dos madeireiros, rindo.

- Pois aprenderá a conhecer

CAPÍTULO 2

- Quem é o rapaz alto?

- Parece forasteiro. Perguntou por Benjamin Heath.

- Deve ser o parente de quem Benjamin falava.

- E no qual ninguém acreditava.

- É mesmo.

- Não é um rapaz simpático?

- Sem dúvida - concordou Betty, sorrindo.

- Escute. . . por que insiste em manter Lysa aqui? Claro que ela é bonita, mas ninguém quer ser atendido por ela.

- Ela começa a esgotar minha paciência.

- É melhor mandá-la embora.

- Vou esperar mais um pouco. Talvez ela mude seu comportamento.

- Betty! - gritou um freguês, que estava sendo atendido por Lysa. - Dê um pulo aqui!

- O que há? - perguntou Betty, acercando-se.

- Tire essa mulher da minha frente! Leve-a para longe de mim. Jamais conheci uma pequena tão desagradável. Parece de gelo. É uma boneca sem vida, e não há quem possa suportá-la.

- Ela está pensando que é muito esperta. . . A partir de hoje, terá de ficar dançando até a hora de fechar.

Lysa não disse nada.

- Quero que outra pequena venha me atender.

- Perfeitamente - disse Betty, e acrescentou para Lysa: - Venha comigo.

Quando passaram junto do forasteiro alto, este fixou o olhar em Lysa.

- Conhece Benjamin Heath?. - inquiriu, dirigindo-se a Betty.

- Se estiver na cidade, logo aparecerá aqui. Mas talvez esteja no bosque...

- Parece que o bosque é muito longe, não? - o forasteiro sorriu para Lysa.

Lysa retribuiu o sorriso. Era a primeira vez que sorria para um freguês da casa.

- Vou sentar para esperar. Quer me servir?

- Essa não pode. - disse Betty...-
Mando-lhe outra.

O forasteiro, curioso, fitava as duas mulheres. - Esteve sentada com aquele homem... Por acaso não sou um freguês, como ele?

- Ela tem um trabalho a fazer agora. Que diferença faz ser servido por uma ou por outra?

- Pode parecer estranho, mas faz diferença. É como se me mandassem escolher entre ela e você... Claro que prefiro esta garota.

- Pois ela não pode se sentar com você!.
- sem maiores explicações, Betty tirou Lysa dali, puxando-a pelo braço.

O forasteiro sentou-se a uma das mesas e outra jovem aproximou-se dele.

- Ela ainda vai se dar mal - disse ela e, em rápidas palavras, explicou o que ocorria entre Lysa e Betty.

Antes que o forasteiro fizesse qualquer comentário, ela tornou a se levantar e foi providenciar a bebida que ele pedira.

- Por que ela não vai embora? - perguntou ele, quando a moça voltou.

- Não poderia ir para nenhum lugar. As autoridades são amigas de Betty. Fazem o que ela e Van Dine ordenam. E os lenhadores da Noroeste a perseguiriam. É o que todos temem que ocorra. É uma sociedade madeireira. Seus sócios são uns selvagens e costumam vir aqui.

- Você conhece Benjamin Heath?

- Já lhe disse antes que estou há apenas alguns dias. Vim com Lysa.

- Ela está com outro freguês... deve ser um dos preferidos da casa, não?

A jovem deu uma olhada.

- Não o conheço, mas a julgar pelo modo como Betty o trata, deve ser alguém importante. Mas se pensa que Lysa vai mudar sua atitude, está enganado. Ela é teimosa. Estamos todas assustadas. Sabe como tratam Betty? Betty a Víbora. Isto indica o que ela deve ser.

Betty levava Lysa para a companhia de um advogado. Era quem defendia os interesses da Companhia Madeireira Noroeste, presidida por Van Dine.

- Quer beber alguma coisa? - perguntou Gane, a Lysa.

- Obrigada, não tenho vontade.

- Que estranho! Como pode dizer isso nesta casa?

- Não percebe o que aconteceria se eu bebesse sempre que me convidam?

- Mas não pense que todos vão convidá-la. Vamos fazer uma coisa. Pedirei champanhe e os dois juntos esvaziaremos a garrafa, de acordo?

- Agradeço-lhe, mas prefiro não beber.

- Suponho que quando começar o baile você dançará todas as vezes. .. Deve ser muito solicitada.

- Não sei dançar.

- Incrível! Bem, mas em compensação você canta muito bem, não é? Betty anunciará aos fregueses que a partir de amanhã você cantará todas as noites.

- Devia ter me consultado.

- Betty é uma mulher que nunca consulta ninguém. E é melhor para você obedecer.

Betty acercou-se do casal, intrigada por ver Lysa conversar tanto com um freguês.

- Parece que estão se dando muito bem, Sr. Cane. Não sabe que vitória isto

significa! Pergunte aos madeireiros... ela não trocou uma palavra com eles.

- Estava dizendo a esta pequena que amanhã virei ouvi-la cantar.

- Sim. A partir de amanhã, ela cantará todas as noites. Suas companheiras garantem que ela canta muito bem.

- Dizem isto porque gostam muito de mim - alegou Lysa.

- Bem.. de qualquer modo, a partir de amanhã, você cantará todas as noites.

- Talvez as,, canções que eu sei cantar não agradem ao pessoal daqui.

- Não se preocupe, eles gostarão.

- Ela não quer beber nada, Betty. Por que não diz a ela para beber?

- Ela não tem nada com isso - replicou Lysa. - Eu sou obrigada a servir os fregueses mas ninguém me obrigará a beber!

- É um grande erro fazer o que você está fazendo. . .

- Estou obedecendo...

- Mas irrita os fregueses porque não conversa. Não quer beber e não quer dançar, alegando que não sabe...

- E é verdade. Quando danço, costume pisar os pés de meu parceiro.

- Você é a única que se atreveu a me desafiar abertamente, mas já a avisei de que é perigoso...

- Se os madeireiros e vaqueiros resolverem me importunar, é melhor que me mande matar, porque do contrário eu a matarei.

Lysa se levantou e caminhou para o balcão. Betty ria, mas o advogado avisou:

- Cuidado com essa pequena. Tenho certeza que ela é capaz de cumprir a ameaça.

O forasteiro fez sinais a Lysa e esta se acercou.

- Por que não se senta comigo? Sua colega já me contou o que acontece com você. Não se preocupe; quando eu encontrar Ben, nós a tiraremos daqui e a levaremos para o bosque. Duvido que esses covardes, que aqui têm tanta autoridade, ousem chegar até lá. Enquanto isso, domine sua raiva.

Lysa sorriu.

- Confio em você, mas se me sentasse agora, depois de abandonar aquele

advogado, haveria uma tempestade. Eu teria que matar essa víbora.

Betty se levantou para chamar a atenção de Lysa, mas esta se afastou do forasteiro e ela voltou a sentar-se.

- Essa jovem é impetuosa e tenho certeza que é capaz de cometer violências - disse Cane.

- Amanhã os madeireiros a obrigarão a dançar. E a beijarão sempre que quiserem.

- Cuidado, ela é perigosa.

Betty deu uma gargalhada. Levantou-se e foi para junto do forasteiro.

- Creio que você perguntou por Benjamin... - Conhece-o?

- Sim. É seu parente? Ele quer explorar o bosque que comprou muito barato. . . tem as melhores e maiores parcelas. A Noroeste tentou comprar mas ele se recusou a vender.

- Fez bem. Nós mesmos cortaremos a madeira e enviaremos aos compradores que pagarem melhor.

- Não sei se você entende desse assunto... Como enviará a madeira aos mercados e como a porá nos

embarcadouros? Já tinha pensado nisso? Você ainda não ire disse como se chama. . .

- John Benson. Já pensei em tudo isso e será fácil. Levaremos a madeira pelo rio e no cais os barcos a recolherão. E se a qualidade for boa como diz Ben, cobraremos mais caro que os outros.

- Você é muito ingênuo. .. Convida-me para um trago?

- Beba o que quiser. Por acaso, tenho dinheiro hoje. É a dona disso ou apenas a encarregada das mulheres?

- Sou a dona!

- Tem umas garotas muito bonitas.

- Dentro de alguns dias ficarei apenas com quatro. As outras vão para o norte. Já estão aqui há muito tempo, os madeireiros gostam de novidades.

- Conversei com aquela pequena... ela parece não gostar de certas coisas...

- Está tentando me desafiar, mas logo entrará nos eixos. Ela me custou caro, paguei muito..,

- Caramba! Pagou por ela? Em qualquer outro lugar, você seria enforcada

por falar assim. Fala como se tivesse comprado um objeto qualquer.

Betty se levantou.

- Por que não vai beber em outro bar, rapaz?

- Eu disse a verdade. Em outro lugar, você seria enforcada, se afirmasse ter comprado uma mulher. Agora entendo o que se passa. Você quer tratá-la como uma escrava e ela não se submete Eu, no lugar dela, já teria ido embora.

- Por que não a leva com você?

- É uma boa idéia, mas não sei se ela concordará .

- Vocês não iriam longe! - John deu um assovio.

- Está me ameaçando? Não torne a fazê-lo, se quer continuar viva!

Betty estremeceu. Benjamin entrou neste instante e abraçou John, comovido.

- Olá, Betty. Vejo que já conhece meu sobrinho .

- Ela estava me ameaçando - disse John. - Ameaçando? Mas por quê? - Avisei-a para não repetir suas ameaças, porque

do contrário essa taberna perderia sua dona. - Ele é capaz, Betty, não insista.

Depois que Betty se afastou, Benjamin avisou John:

- Cuidado com ela, é perigosa!

John contou o que se passava com Lysa.

É tolice dela enfrentar Betty abertamente - disse Ben. - As autoridades desta cidade estão mancomunadas com Betty e seu amante, Van Dine. Ele dirige a Noroeste e anda furioso porque não tira a metade da madeira que nós tiramos. Então tenta nos assustar para que vendamos o bosque e terminemos por abandonar a região.

- A violência gera violência, e no fim tipos como ele sempre saem perdendo.

- É um grupo perigoso.. . não se pode negar.

- Suponho que são os nossos adversários. - Sim, claro.

- Então temos que conseguir que todos os outros madeireiros se unam a nós. Podemos organizar uma sociedade muito mais forte que a deles.

- Não será fácil, estão todos assustados. Van Dine tem a seu serviço homens duros e perigosos, que não se assustam com a lei. Matar para eles é banal. Têm o rio para seu uso exclusivo, e o que lucram os madeireiros se não podem tirar a madeira? Tão pouco encontrarão barcos. . . A luta contra eles não é simples nem fácil.

- Não me diga que está com medo, Ben.

- Claro que não. Quando chega Donald?

- Não deve demorar. Ficou em Olympia, cuidando de alguns detalhes. E o ouro que disseram ter aparecido no rio Lewis?

- Encontraram alguns filões na montanha e pepitas no rio.

Pouco depois, voltaram a falar de Lysa.

- Vamos levá-la conosco, quando nos instalarmos no bosque - disse John.

Ben movia a cabeça, contrariado, e afinal conseguiu tirar John da taberna.

Betty conversava com alguns amigos.

- É preciso dar um tratamento diferente a Lisa. Já estou farta de sua rebeldia.

- Devia tê-la tratado com mais dureza desde o primeiro momento.

- Sempre há tempo. Talvez eu concorde com a proposta de Van Dine. - Que proposta?

- Quer levá-la para o bosque para que seus rapazes se divirtam com ela uns dias.

Os dois homens que conversavam com Betty começaram a rir.

- Seria devolvida em bom estado! - exclamou um. - Mas é o que ela merece.

- Mas lá ela poderia fugir. É valente. . . Não posso negar, e isso me preocupa. Longe daqui, as autoridades não serão como as desta cidade. É melhor que sua beleza continue excitando os rapazes.

- Acho que você tem razão. Mas já sabe que Van Dine quer que ela seja respeitada, porque considera esta pequena como dele e depois de seus rapazes. Não se irrite por causa disso.

- Claro que não. Van Dine é um bom freguês e amigo, somente. Não liguem para esses boatos de que é meu amante. Ele é livre para escolher a pequena que mais lhe agrada.

- Pois ao que parece, escolheu esta.

- Então será levada para o bosque. Mas não compreendo... ela o odeia e o trata com desprezo.

- Será castigada. Você conhece Van Dine e seus rapazes.

Lysa servia os fregueses, sem aceitar convites para sentar-se. De vez em quando, olhava para o grupo formado por Betty e seus amigos. Tinha certeza que conversavam sobre ela.

Gostaria de poder partir imediatamente, mas sabia que não iria longe. Portanto, era preferível aguardar uma chance segura. E confiava no forasteiro.

CAPÍTULO 3

Era domingo, dia de festa. O Falcão, o cabaré de Betty, estava cheio.

Os vaqueiros costumavam frequentar outros cabarés, para evitar atritos com os madeireiros.

Betty estava na porta, admirando a animação da rua.

Um burrico parou diante do armazém, na calçada fronteira. Spencer Thompson, um velho mineiro muito popular na cidade, desmontou.

Da última vez que viera à cidade, muita gente comentara que devia ter encontrado um bom filão, a julgar pelo ouro que trouxera para pagar suas compras. Mas desta vez não entrou no armazém, como Betty supusera. Puxando o burrico pelas rédeas, caminhou algumas jardas. Parou diante do banco e tirou alguns saquinhos de couro do lombo do animal. Betty adivinhou imediatamente que eram sacos de ouro.

Betty cruzou a rua e se dirigiu para o banco.. Quando entrou, Spencer conversava com o diretor.

- Olá, Spencer! Passou diante de minha casa e não me cumprimentou!

- Pensava ir vê-la mais tarde. Depois que depositar este ouro, irei lá.

- Caramba! Então é verdade que você encontrou um bom filão?

- Varias vezes fiz achados como este. E todo o ouro que conseguia durava só umas semanas. Claro que sou um dos homens que mais se divertiu na vida... Compreendi que as privações do campo, para conseguir riqueza, devem ter uma compensação. Agora começo a me sentir velho. Vou tratar de economizar .

O caixa começou a pesar o ouro e fazia anotações, que Spencer comprovava, sem parar de conversar com Betty.

- Tenho novas garotas no cabaré, Spencer - disse Betty. - E muito bonitas.

- Estou há vinte e três anos rodando pelas montanhas, e desertos. Agora tenho quarenta. .. já não sou o mesmo.

- Não me diga que com quarenta anos se considera velho e acabado.

- Estou cansado, esta é a explicação certa. E não vou tocar neste ouro. Ficarei com um pouco, para tomar um trago e verificar se essas garotas são mesmo bonitas... Mas o resto ficará depositado aqui.

- Pronto - disse o caixa. - Há doze mil e seiscentos dólares. É a maior quantia que já depositaram neste banco, desde que trabalho aqui. Você é um homem rico, Spencer!

O mineiro sorriu satisfeito e pegou o comprovante que o diretor lhe entregou.

-- Não fica com algum dinheiro? - inquiriu Betty.

- Tenho no bolso alguma coisa. . . Mas nada de jogo! Nada de roleta! Só bebida e mulheres. Dentro de pouco tempo, já não poderei me divertir assim. Preciso aproveitar.

Betty segurou Spencer pelo braço.

- Preciso levar César, o burrico, para um estábulo - disse Spencer, quando chegaram à rua. - Depois passarei em sua

taberna. Não tema, antes de tudo irei à sua casa.

- Você sabe que gosto de você, Spencer. Conhecemo-nos longe daqui.

- Sim, claro - disse o mineiro, rindo.

As mangas da camisa arregaçadas deixavam à mostra dois braços que pareciam toras de madeira. O rosto do velho mineiro era curtido pelo vento e pelo sol. Apesar do que dizia de si próprio, não aparentava a idade que tinha. A vida sadia ao ar livre conservara-lhe a saúde.

Partiu para o estábulo, onde era conhecido e cumprimentou o encarregado. Enquanto deixava o burrico, os comentários se desdobravam pela cidade, falavam de sua boa sorte e da quantidade de ouro que acabava de depositar no banco.

Por isso, quando entrou no Falcão, alguns conhecidos lhe deram os parabéns e perguntaram onde tinha achado aquela fortuna.

Spencer ria com todos, mas não contava o seu segredo.

Diante do balcão, pediu cerveja, para surpresa de Betty.

- Cerveja? - Sim, claro.

- Nem o reconheço! Você sempre pedia uma garrafa de uísque, para começar.

- Já lhe disse que chegou a hora de mudar. E mudarei em todos os sentidos. Quantas horas eu passava sóbrio, quando chegava nesta cidade? Aquilo não vai se repetir mais! Quando acabava a bebedeira, eu não tinha uma pepita, um centavo. Agora será diferente.

- Viu Lewis?

- Deve andar por aí. Faz tempo que não o vejo.

- Você não é obrigado a prestar contas do ouro que encontra? - perguntou alguém.

- Claro que não. Não ando em povoados mineiros nem povoações sedentárias. Levo viveres daqui e vivo com a caça e a pesca. Durante todo esse tempo, estive bebendo apenas água. No começo, custou, mas depois me acostumei. Ainda que vocês não acreditem, a água é a melhor bebida.

Os homens que o rodeavam soltavam gargalhadas.

- Não está falando sério! - exclamou um. Estou sim.

- Não liguem - falou Betty. - Ele quer rir às custas de vocês.

- Bem. . . saiam da minha frente! Assim não posso ver as novas garotas de Betty.

A primeira que viu foi Lysa e soltou um assovio.

- Essa mulher não pode ser de verdade!
- exclamou. - Mas não acho que essa casa seja lugar para ela. Parece uma dama. E deve ser! Venha cá, garota.

Lysa se aproximou sorrindo.

- Obrigada pelo que disse - falou.

- Sempre tive bom olho para mulheres. Toma uma cerveja? Não creio que lhe convenha beber uísque. E seja qual for a bebida, deve ser em pequena dose.

- Aceito, é um prazer.

Os que estavam à volta de Spencer se entreolharam surpresos.

Porém, a mais surpresa de todos, era Betty. Era a primeira vez que Lysa aceitava um convite para beber.

- Betty... posso sentar com esta pequena?

- Vai me deixar de lado? - exclamou Betty. - Parece estar esquecendo os bons modos.

- Não se aborreça claro que você pode sentar conosco.

Betty escolheu uma mesa e sentaram-se os três Spencer conversava com Lysa.

- Como veio parar nesse lugar? Reparei que você não está em seu ambiente. E parece que todos se surpreenderam quando você aceitou meu convite.

- Estou aqui obrigada e sob ameaças constantes. Não posso escapar porque as autoridades estão a serviço de Betty e me perseguiriam.

Betty empalideceu intensamente. Não acreditara que Lysa se atrevesse a tanto._

- Paguei muito caro por ela - disse.

- Ela fala como se tratasse de uma rês - disse Lysa.

- Por que mantém essa pequena aqui à força? - perguntou Spencer. - Agora compreendo a surpresa de todos. Você não costuma aceitar convites dos fregueses não é isso?

- É a primeira vez que aceito. E a mais surpresa é Betty. Ela não queria que ficássemos sós para que eu não falasse como estou falando. Pensou que, estando presente, eu não me atreveria.

- Betty. Não se pode comprar uma pessoa como se fosse gado! Se em Olympia souberem, as autoridades que a ajudam vão passar maus bocados! E você também, e o capitão do Alondra. Suponho que foi ele quem trouxe esta garota. É melhor deixá-la partir. Esta situação não pode ser mantida.

- Não a deixarei partir! - exclamou Betty.

- Spencer! Velho patife!— exclamou Ben, sorrindo e encaminhando-se para o mineiro.

- Ben! Tive sorte. ..

- Já ouvi falar. Fico contente, pode crer. Vou lhe apresentar meu sobrinho.

- Até que enfim chegou! - exclamou Spencer. - Já sabe que agora tenho dinheiro... se precisar, no bosque, conte comigo.

John e Spencer apertaram-se as mãos.
- Vamos - disse Betty a Lysa. - Você pode ir,
Betty - disse Spencer. - Ela fica conosco.

- Ela tem que atender a outros fregueses.

- Por que a outros? - inquiriu John. - Nossa presença não lhe agrada, não é mesmo? Continuo achando que terei de lhe dar uma lição... seu rosto ficaria irreconhecível. . . E olhe que é uma tentação quase irresistível! Ben, o que acha de levarmos esta jovem para o bosque para que ela cuide da cabana e faça comida?

Os olhos de Lysa brilharam de alegria,

- Irei encantada! exclamou.

Betty reparou no olhar de John, fixo nela.

- Quanto pagou a Markhan por ela? - indagou Spencer.

- Pagou duzentos dólares por mim - disse Lysa. - Ele não tinha o direito de me vender dessa maneira, pois paguei minha passagem.

- Pagarei a ela, não quero que digam depois que a roubei - afirmou Spencer. -

Darei esses duzentos dólares e não se fala mais no assunto.

- Duzentos dólares! - exclamou John. - Que quantidade de chumbo se pode adquirir por este dinheiro? Seria um prazer gastar todo esse chumbo no rosto desta mulher!

Betty estava assustada e retirou-se em silêncio, cheia de ódio.

Aproximou-se de um homem no balcão e teve uma rápida conversa com ele. O sujeito se retirou logo a seguir. John observou a cena, sorrindo.

- Betty mandou chamar seus amigos - disse - Depois de matá-los, liquidarei esta víbora.

- É melhor que eu mesma me encarregue dela - disse Lysa. - Só penso nisso desde que cheguei.

- Não se mova e não se preocupe com isto - aconselhou Spencer.

Ben e Spencer começaram a rir, quando, minutos mais tarde, o xerife entrou no cabaré. O olhar inquieto do xerife mostrou que os procurava.

Mas caminhou para junto de Betty, e a cumprimentou com naturalidade. Spencer se levantou e fez sinais ao xerife.

- Estamos aqui! - exclamou, quando o xerife olhou para ele.

O xerife caminhou em sua direção e cumprimentou-o.

- Já me contaram que você teve muita sorte, Spencer - exclamou.

- Sim, as coisas foram bem desta vez. O que Betty lhe pediu?

- Bem. . . a verdade é que deu muito dinheiro por esta garota...

- Você sabe que é crime amparar o tráfico de mulheres brancas? E o crime será maior se é que recebe sua parte, neste comércio aviltante!

- Mas Spencer. . . - dizia o xerife, assustado.

- De modo que bastou a dona chamar para você vir correndo... Certamente ignorava que este seria o último serviço que prestaria a ela. .. Porque vou matá-lo!

- Não precisa se aborrecer, Spencer. Foram me chamar e devo cumprir meu dever. ..

John desferiu um murro no rosto do xerife e jogou-o para trás. Ele foi cambaleando até o balcão, Ao chocar-se com ele, resvalou para o solo.

Betty, apavorada, correu para seu quarto e trancou-se lá. John alcançou o xerife. Agarrou-o pelas roupas, com uma das mãos, e o levantou. Com a mão livre, arrancou a estrela metálica de seu peito.

A surra que lhe deu foi tão violenta que, quando acabou, o rosto do xerife estava irreconhecível. Havia ferimentos em diversas partes e vários ossos partidos. O sangue escorria do seu rosto e machava-lhe as roupas.

O fregueses amigos de Betty entreolhavam-se receosos. Viram a decisão de Ben e Spencer e resolveram não se meter. Sabiam o que podiam esperar, se o fizessem.

John arrastou o corpo do xerife até a porta e o atirou no meio da rua.

Os homens que passavam pela rua acercaram-se, para ver de quem se tratava. Ao perceber que era o xerife, sorriam, satisfeitos.

A terra, grudando-se no rosto ensanguentado do xerife, deformava-o ainda mais, tornando-o monstruoso.

Por fim, recolheram-no e levaram-no à casa do médico. Este, ao ver o estado do xerife, ficou horrorizado.

- Por que o trouxeram aqui? - exclamou, por fim. - Este homem está morto!

Lysa recolheu sua bagagem e os três homens ajudaram a carregá-la, enquanto abandonavam o cabaré.

Uma das empregadas, antiga na casa, foi avisar Betty que já podia sair. Betty apareceu no bar e perguntou imediatamente por Lysa,

- Partiu com aqueles três homens - informaram-lhe.

Betty começou a rogar pragas. Dava pontapés nas mesas e cadeiras e insultava os fregueses, chamando-os de covardes.

- Era uma tolice insistir em mantê-la aqui - disse um deles.

- Ela tinha que cantar! - exclamou Betty. - Eu já havia anunciado que ela cantaria!

- Era uma situação insustentável.
- Ela partiu sem ser castigada, mas se tornar a aparecer neste povoado. . . E o xerife?

- Está morto.

- Tem certeza?

- Aquele rapaz o matou a murros!

- E como vocês permitiram que isto acontecesse? É preciso nomear outro xerife imediatamente! Avisem Van Dine! Deve estar no escritório da companhia.

Meia hora mais tarde, Van Dine entrou na taberna e foi informado do que ocorria. Mandou buscar o juiz e o prefeito para que nomeassem um novo xerife. Sugeriu o nome de um dos homens que trabalhavam para ele no bosque.

O juiz e o prefeito concordaram.

Algumas horas mais tarde, Betty sorriu satisfeita, vendo entrar o novo xerife. Era conhecido na casa, pois ia ali com frequência.

Van Dine tornou a aparecer, minutos depois, e assegurou a Betty que podia confiar nele.

- Agora, o que mais me agradaria é que fizessem esta pequena voltar para cá.

- É fácil. Apresente uma denúncia no juizado. Diga que ela lhe roubou muito dinheiro.

- Aquele rapaz alto me preocupa...

- Espere até que ele apareça. Aí as coisas serão diferentes.

- Onde estão os que foram atrás de Spencer? Naquela altura, já suspeitávamos de que ele havia encontrado um veio rico... E ele conseguiu chegar ao banco para depositar uma fortuna.

- Avisamos Lewis. . . mas esse velho astuto se move pelo monte e nos bosques como se fosse uma serpente. Ninguém consegue sequer avistá-lo.

- Se o vigiassem direito. . . Ele pode se esconder, mas o burro não. E ele nunca se separa do burro.

- Essa segurança que você tem a respeito do animal é a causa de Spencer nunca ter sido achado. O burro esteve no estábulo de um povoado. E você garantia que ele não se separava do burro por nada no mundo.

- Pois agora, quando ele voltar, vocês não devem falhar. É preciso descobrir de onde ele tira tanto ouro, como ele conseguiu trazer e quanto guardou com ele, sem depositar.

- Isso é trabalho de Lewis. Mas suspeito que o veio achado por Spencer fica longe daqui e por isso ainda não foi descoberto.

- É preciso ficar vigilante para ver quando ele parte. E para isso, basta vigiar o estábulo onde ele costuma deixar o burro.

As mesas de jogo estavam cheias de jogadores. E os olhos de Betty brilhavam de cobiça. Henry, o novo xerife, acercou-se das mesas de jogo.

- Você tem que dizer ao xerife para não se aproximar das mesas de jogo - disse Betty a Van Dine - E muito menos deve se sentar para jogar. Ele já ganha bastante dinheiro trabalhando como xerife. Além do mais, não paga o que bebe. ..

- Mas ele costumava jogar antes de ser nomeado xerife.

- Agora deve ser diferente. Van Dine mandou recado a Henry para que não

jogasse. Mas o novo xerife não pensou em obedecer. Começou a jogar e em uma hora ganhou cem dólares. Levantou-se, sorridente.

Mas tinha provocado a ira de Betty, o que não era de modo algum aconselhável.

CAPITULO 4

- Não lhes agrada que eu tenha deixado de jogar e de beber. Uma vez embriagado, eu não era mais dono de meus atos, e em poucas horas deixavam-me totalmente limpo. Mas agora não será assim. E para Betty foi uma péssima notícia.

- O fato de você ter se juntado a nós e ajudado a tirar Lysa de lá só fará aumentar o ódio de Betty - disse Ben.

- Naquela casa a roleta é viciada, os dados são chumbados e os baralhos têm toda sorte de marcas. Só mesmo contando com o apoio das autoridades se pode manter aberto um cabaré como aquele! - falou Lysa.

- Sem dúvida Betty ganha uma fortuna ali.

- Calculei que deve tirar uns trezentos dólares de lucro, diariamente. Mas Van Dine deve ser sócio da casa. Embora obedeça a Betty, tem autoridade.

- Faz tempo que digo que é Betty quem manda em tudo aqui.

- Você tem razão, Ben - afirmou Spencer. - É ela quem controla os madeireiros e toda a região das minas. Van Dine é seu testa de ferro aqui, e Lewis na região das minas. Eu nunca acreditei que o delegado de minas fosse mesmo esse tal de Lewis. Sua nomeação e a placa que usa devem ser coisa das autoridades daqui, e não de Olympia, como devia ser.

- Betty é a dona de toda a comarca e é em seu cabaré que se tramam as maiores negociatas

- E não pensem que um dia vão poder utilizar o rio para transportar sua madeira. Os homens da Noroeste serão sempre os únicos a usá-lo.

- É dever das autoridades estabelecer um horário para que todos os madeireiros possam transportar sua madeira.

- E acha que as autoridades daqui farão isso?

- Se soubermos falar com eles, creio que concordarão - disse John. - Por enquanto não temos madeira pronta. Antes de tudo é preciso conseguir um grupo de bons trabalhadores.

- Isso vai ser difícil - disse Ben. - Van Dine se encarregará de impedir que queiram trabalhar para nós, e se conseguirmos alguém, já estarão comprados por ele e sabotarão nosso trabalho.

-- Depois de enforcarmos uns três ou quatro, os outros pensarão duas vezes antes de tentar --disse John.

- Bem. . . creio que o que devemos fazer é parar de falar tanto e começar a trabalhar - disse Ben, - É preciso construir um alojamento para os trabalhadores e ampliar esta cabana que eu mesmo construí.

Os víveres que levaram permitiam a Lysa preparar pratos saborosos. Os três homens, nas horas de folga do trabalho, caçavam ou pescavam e, portanto, havia sempre variedade no cardápio.

Em Portland, estavam todos ficando convencidos de que Lysa e seus três companheiros não se achavam mais na cidade. Furiosa, Betty insultava seus amigos, acusando-os de ter permitido que partissem sem castigá-los.

O xerife não cansava de afirmar que assim que aparecessem no povoado, seriam punidos. Também Leo, o capataz de Van Dine, assegurava que mataria o assassino do antigo xerife. Acrescentava que seria por meio de uma surra, tal como John matara o xerife, que fora um amigo seu.

A ausência de John e os outros dois animava os homens de Van Dine a fanfarronear cada vez mais.

Betty ria deles e excitava-os com suas chacotas. Quando falou com Van Dine, disse-lhe:

- Tome cuidado com bem.

- Por que vem me dizer isso?

- Ele vai reunir os outros madeireiros e formar uma sociedade muito mais forte que a Noroeste.

- Não se trata de juntar parcelas e mesmo bosques inteiros. O importante é cortar a madeira e poder transportá-la através do rio.

- Repito que você deve se acautelar. E agora, com seu sobrinho, o tal John, o perigo é muito maior.

- Não se preocupe, não encontrarão quem queira trabalhar para eles. E, sozinhos, não poderão cortar muita madeira.

- O perigo consiste na possibilidade de se unirem aos outros madeireiros. Todos juntos, formarão um grande grupo de lenhadores.

- Ora, pare de pensar nisso.

- Pois não posso parar. Veja quem está chegando!

- Lewis! - exclamou Van Dine.

Betty fez sinais a Lewis e este se aproximou, cumprimentando ambos. - Alguma novidade?

- O negócio nas minas está no fim. . . As parcelas vão sendo abandonadas, pouco a pouco... Já não é rendoso explorar, não vale a pena. Os mineiros partem para o norte. Dizem que Fraser conseguiu convencê-los de que é mais negócio viajar algumas semanas para trabalhar no norte.

- O que conseguimos?

- Muito pouco, essa é que é a verdade. Betty olhou sorrindo para Lewis.

- A ambição não é boa conselheira - falou, sempre sorrindo.

- Ao norte de Cascade é que há bastante ouro. Vou para lá. Há uma romaria de buscadores de ouro naquela direção. . . basta ver o barco que faz este percurso. Qualquer dia afunda por excesso de peso.

- Será que foi lá que Spencer encontrou o veio? - exclamou Betty. - Ele é esperto e pode deixar o burro na outra zona, sozinho. Suspeitou que estava sendo Vigiado. Ele me disse isto, da última vez que veio. Estava bêbado, mas disse.

- Você devia nos ter avisado, para vigiarmos mais à distância. Doravante vamos segui-lo dia e noite, sem descanso.

- Onde está ele? Saiu de Portland...

- Deve estar com Ben - sugeriu Van Dine. Mas Ben tem várias parcelas no bosque. Em qual delas estarão?

- Isso é fácil averiguar - disse Van Dine.

- O que fazem os outros madeireiros? Vão vender e partir?

- São teimosos - confessou Van Dine.

- E como se mantêm? - perguntou Lewis.

- É um mistério, mas não cedem uma polegada.

- Devem empregar outro sistema.

- Eu quis comprar madeira a um preço que compense, mas não concordaram em vender.

- Se jogarem os troncos na água, seus empregados podem recolher. Depois que estiverem armazenados, eles que venham reclamar.

- É o que eu própria digo, há tempos - interveio Betty. - Nada de contemplações! Quando tivermos todo o bosque e ninguém mais puder transportar madeira a não ser nós, o negócio será fabuloso. Poderíamos até abandonar as minas.

- Não pense que não conseguem ouro. Recorde o que Spencer trouxe. O que acontece é que enganam Lewis e seus ajudantes. Devem ir mais longe e fazer seus depósitos.

- Vigiamos atentamente. Não é tão simples nos enganar.

Nessa reunião, tomaram a decisão de aumentar a pressão contra os outros madeireiros. Tinham homens capazes de fazê-lo. E Betty, que era a mais cruel do grupo, pressionava para que agissem o quanto antes.

A madeira era mais interessante que o negócio das minas. Se conseguissem dominar o mercado de Portland, em suas relações comerciais com o Leste, obteriam lucros astronômicos. E para consegui-lo, segundo Betty, o melhor meio era aterrorizar os donos de parcelas no bosque, para que vendessem por pouco dinheiro ou entrassem para a Noroeste.

- Enquanto Tracy não fraquejar, os outros resistirão - disse Van Dine. - Não estão associados, mas é ele quem dirige os demais.

- Pois agora vocês já sabem - acrescentou Betty.

- Não se pode fazer com ele o mesmo que com outros madeireiros. Tracy é uma espécie de ídolo. Prejudicá-lo seria um perigo para todos nós.

- Vocês têm medo de tudo - disse Betty. Assim nunca conseguiremos nada. Não vejo o negócio de que se cogitou no começo. Estão perdendo muito tempo.

- Não podemos precipitar as coisas.

- Precipitar? - Betty soltou uma gargalhada. - Que é que vocês conseguiram nesses últimos meses? Nem mais um sócio! Têm os mesmos do começo. E as parcelas continuam isoladas umas das outras. Mal podem carregar um barco como o Alondra de dois em dois meses. E a que preço vendem? Quanto ganham por metro cúbico de madeira? Cinco dólares?

- Não chega a dois - declarou Van Dine. -- Refiro-me ao preço bruto, e portanto o lucro não deve passar de uns quinze centavos. Era preciso carregar uns seis barcos por semana para que o lucro fosse realmente interessante.

- Temos que confessar que o negócio tem sido um fracasso.

- O único bom negócio mesmo é este cabaré.

- Que pertence exclusivamente a mim - lembrou Betty.

Van Dine olhou para Betty de modo tão especial que ela exclamou:

- Por que está olhando? Não é verdade que é apenas meu?

- Os bons negócios são sempre para você - disse Van Dine.

- Comprei este cabaré com meu dinheiro. E fui eu que o pus em condições de render muito, inclusive correndo sérios perigos, como a compra de mulheres.

- Como essa que partiu com Spencer - disse Van Dine, rindo.

- Mas não pense que ficarei sem me vingar! Minha oportunidade há de chegar.

- Por enquanto, são eles que riem. Você estava plenamente convencida de que ela não poderia escapar...

- Sozinha não teria escapado.

- Você poderia ter ganhado quinhentos dólares com ela e seu orgulho arruinou o negócio.

- Ainda hão de voltar a Portland. . .

- Esta cidade está mudando, para você e para nós. A chegada de tantos forasteiros nos é prejudicial!

- Para que falar tanto sobre esse grupo de madeireiros?

- Você sabe que, se for preciso, quando eu ordenar destroçam a cidade.

- O que sei é que já não infundem o mesmo respeito de antes.

- O negócio da madeira me preocupa. . E é com o rio que devo me ocupar. A única madeira; que pode descer é a da Noroeste, e para tanto os homens têm que agir. Os outros madeireiros são capazes de vender mais barato que nós, se conseguirem levar sua madeira ao cais.

- Compete a vocês evitar que isto aconteça.

- E nós evitamos - disse Van Dine.

Betty sorria. Observando como os fregueses entravam sem parar, esqueceu-se de tudo o mais. Com a bebida, danças e as mesas de jogo, obtinha lucros que Van Dine nem sequer imaginava.

Mas sabia que fora um erro dizer a Van Dine, como dissera, que o cabaré era só seu. Conheciam-se um ao outro e Van Dine era dos que gostavam de se vingar. Mas a verdade é que ela não queria sociedade na

taberna, embora fosse sócia de Van Dine no negócio de madeira.

Uma semana mais tarde, porém, acabou cedendo. Van Dine e o pessoal da Noroeste queriam aumentar o capital empatado.

Van Dine e seus sócios recomendaram a Cane que convencesse Tracy a entrar para a Noroeste. O advogado costumava visitar a casa de Tracy e eram bons amigos.

Cane frequentava a casa de Tracy, principalmente com a finalidade de conquistar sua filha, Muriel. A moça chegara do Novo México havia três meses. Tracy tentara convencê-la a voltar, mas não conseguira. Muriel era uma jovem obstinada. Quanto a Cane, não fizera progressos em suas tentativas de conquistá-la.

Muriel dizia ao pai que Cane era falso. Mas Tracy considerava o advogado um bom amigo, e continuava recebendo-o em sua casa.

Muriel fizera amizade com uma pequena do povoado, filha de uma viúva e

as duas juntas cuidavam de uma loja de roupas femininas.

Através de Annie, esta amiga, Muriel soube que as empregadas do cabaré eram vendidas por agentes especializados e pelo capitão do Alondra. Estas mulheres costumavam ir à casa de Annie, para que a viúva lhes confeccionasse vestidos, e falavam muito.

Um dia, quando Cane estava em casa de Tracy, a conversa versou sobre aquelas mulheres.

- Não é o que vocês pensam - disse ele.
- Essas mulheres trabalhavam na Califórnia e Ostronder supôs que seria um bom negócio trazer as que quisessem vir para cá. Como isso dá trabalho é justo que receba algum dinheiro. Mas devíamos estar gratos a ele, por trazer pequenas tão bonitas para a cidade.

- E as que vêm contra sua vontade? - perguntou Muriel.

- Isso é lenda, todas elas sabem para que vêm, e em geral têm a esperança de encontrar um mineiro rico que queira se casar com elas. O que acontece é que

contam a história a seu modo, na casa de Annie, e você se impressiona.

- E aquela que fugiu? Também veio por sua própria vontade?

- Mas é verdade que Betty pagou por ela.

- A quem?

- A Ostronder. Foi ele quem trouxe a pequena.

- Ela foi ludibriada. Pensava que iria cantar em algum teatro. E dizem que pagou a passagem, ao contrário das outras, cujas despesas foram pagas por Ostronder.

- Esse assunto não nos interessa - interveio Tracy. - Essas mulheres gostam de bancar as ofendidas, para que seu salário aumente.

Muriel surpreendeu-se era a primeira vez que via seu pai falar daquele modo. Aquilo talvez indicasse alguma ligação secreta com Cane, que todos sabiam na cidade, estava metido em toda sorte de negócios sujos.

- Dizem que é uma garota muito bonita... - Sem dúvida.

- Gostaria de vê-la, quando aparecer.

- Duvido que se atreva. Parece que roubou muito dinheiro da casa de Betty. Seria presa por Henry.

- Foi essa a história que inventaram? E sem dúvida foi idéia sua.

- Limito-me a repetir o que ouvi.

- Numa cidade como esta, onde as autoridades estão do lado dos canalhas, é fácil dar crédito a qualquer calúnia.

- Muriel! - exclamou Tracy. - Como pode defender assim uma pessoa que nem conhece? Talvez essa estória do roubo seja verdadeira. Ela sabia que teria ajuda para fugir da cidade e aproveitou para carregar o dinheiro que encontrou. Não seria o primeiro caso.

- Ninguém na cidade vai acreditar nisso - disse Muriel.

- Você não conhece essas mulheres - disse Cane - Vamos esquecer este assunto. O que decide, Sr. Tracy? Se o senhor se unir à Noroeste, muitos madeireiros isolados o seguirão. A sociedade ficará mais forte e poderá impor condições aos compradores do Leste. A madeira desses

bosques é muito boa e até agora tem sido vendida por uma ninharia,

- Eu estava pensando em organizar uma nova sociedade com os madeireiros isolados.

- Pode fazê-lo, e depois esta nova sociedade se unirá à Noroeste.

- Ou então a Noroeste se junta a nós.

- A Noroeste é mais antiga e são vocês que devem se unir a ela.

- Estive conversando com alguns madeireiros. Vou comprar suas parcelas. Já compreenderam que sozinhos e sem recursos não podem sobreviver. . . Talvez eu precise de seus serviços, para legalizar as transações.

Muriel saiu da mesa e deixou os dois homens discutindo o assunto. Foi para a casa de Annie, mas neste dia não participou das conversas habituais. Estava preocupada com seu pai. Desde que chegara a Portland, ele já aumentara muito as suas propriedades no bosque. E dois dos que venderam a ele suas parcelas tinham aparecido mortos no dia seguinte à venda...

CAPÍTULO 4

- Este é o melhor quarto do hotel, com vista para o rio...

- Está bem, fico com ele. E se quer que pague adiantado, pago com prazer.

- Não é o costume. Ficaré muitos dias?

- Acho que não. Só até encontrar alguns amigos, que creio residem por aqui. Mas não sei se têm casa própria ou se terei de continuar no hotel.

- Tem amigos aqui? Quem são?

- O que é mais conhecido aqui chama-se Benjamin Heath.

- Benjamin! Claro que é conhecido! Andou procurando ouro e prata durante muito tempo. Mas, há alguns anos, teve o bom senso de desistir da busca e comprou algumas parcelas no bosque. Um sobrinho dele chegou esses dias. É um rapaz alto como você. Os dois não estão na cidade agora. Tiveram um incidente com a dona do cabaré O Falcão.

A mulher explicou a Donald o que acontecera na taberna, por causa de Lysa.

- Então ele matou o xerife com uma surra... - exclamou Donald, rindo. - Não me surpreendo.

Quando se irrita, John é uma fera. O que me espanta é que não tenha castigado essa Betty. E não sabe em que parcela se encontram? Suponho que venham à cidade fazer compras...

-- O novo xerife prometeu prender e punir o matador do antigo xerife, se ele aparecer.

- Se John vier e o xerife tentar prendê-lo, no dia seguinte haverá um novo xerife, porque este irá fazer companhia ao que morreu.

- Dizem por aí que o escolheram porque, longe daqui, foi pistoleiro.

Quando Donald abandonou o hotel, foi ao cabaré de Betty. Encontrou-o cheio de fregueses e entrou, como um a mais. Como estava de costas para o bar, bebendo junto ao balcão, não reparou no ajudante do xerife que entrou, abrindo passagem entre os fregueses.

Betty, conversando com um amigo, numa mesa, viu o ajudante avançar com a mão rente à coronha do revólver.

- O que está havendo? - exclamou.

- Dizem que aquele sujeito no balcão é o tal que matou o antigo xerife.

- Estão completamente enganados. É um rapaz alto como ele, mas não é ele!

- Pois o ajudante está pronto para atirar assim que ele vire a cabeça.

Betty chamou o ajudante do xerife e disse em voz alta:

- Deixe-o em paz! Não é quem você está pensando!

Donald voltou-se e logo percebeu o que ocorria.

- Ainda bem que você avisou a tempo. Eu o teria matado quando se virasse.

- Estão falando a meu respeito? - perguntou Donald.

O ajudante do xerife cometeu um pequeno engano - explicou Betty.

- Mas acaba de confessar que ia atirar em mim no momento em que eu me virasse, sem me dar a menor chance de defesa. Ia cometer um assassinato!

- Já lhe disse que ele o confundiu com outra pessoa.

- De qualquer modo, era um assassinato o que ele ia cometer. Atirar num homem pelas costas! Como um covarde dessa laia pode ser ajudante do xerife? O que está acontecendo nesta cidade? Todos vocês viram que este covarde ia assassinar um homem e ninguém se mexeu!

Os homens, envergonhados, abaixavam a cabeça, sem retrucar.

- Confundi-o com um sujeito que assassinou o antigo xerife, há poucos dias - declarou o ajudante.

- Quer dizer que ele foi assassinado? Noutro lugar, contaram-me que morreu durante uma briga, não pode ter sido um assassinato.

- Não discutam mais, o ajudante se enganou - insistiu Betty.

- É um covarde e ia me assassinar! - exclamou Donald. - E não quero que ele possa assassinar outro. Agora, de frente e sabendo que estou disposto a matá-lo deve se defender, Não poderá atirar à traição,

como ia fazer, com a conivência de todo este bando de covardes.

-- Eu disse para pararem de discutir - falou Betty - mas já vi que você é teimoso e vai obrigar o ajudante a acabar com sua vida.

- Você sabe que ele tem medo de pistoleiro, não?

- O que sei é que você é um louco. Poderia sair daqui em paz e continuar vivo. No entanto, vai obrigar o ajudante a matá-lo.

O ajudante sorria satisfeito.

- Mas esse covarde parece um principiante! - exclamou Donald, zombeteiro. - Alguém acredita que ele possa me assustar?

- Ela está dizendo a verdade - falou o ajudante. - Tentou lhe salvar a vida, mas creio que agora isso será impossível.

- Ela evitou que você me desse um tiro pelas costas, quando o avisou sobre seu engano. Mas agora você é que vai morrer e isso ninguém pode impedir. Odeio covardes!

- Já vi que o ajudante não terá outro remédio senão matá-lo! - exclamou Betty, irritada. - Você é teimoso e atrevido!

- Acho que você terá uma decepção - replicou Donald. - Conhece-o há muito tempo? Deve conhecer pois do contrário não teria tanta confiança nele.

- Estou surpresa com a paciência de Pat. ..

- Você já o viu atirar antes, não é? Mas tenho certeza que atirou pelas costas, e certamente com sua ajuda, você distraía a vítima enquanto ele puxava o gatilho.

Betty empalideceu.

- Não estou tentando distrair você...

- Não conseguiria. E não se surpreenda com a atitude desse covarde. Ele sabe que morrerá assim que mover um dedo. Não passa de um covarde! Se não pode atirar pelas costas, apavora-se como um bebê.

Os fregueses se entreolhavam surpresos. admiravam a atitude de Donald e reconheciam sua razão. A própria Betty compreendeu que Pat estava amedrontado.

- Acho que você tem razão, ele está assustado - disse ela.

- E isso a mortifica, não? - replicou Donald. O ajudante do xerife resolveu provar a Betty que ela estava enganada. Mas não conseguiu sequer tirar o revólver do coldre. Caiu fulminado pelo tiro de Donald.

- Eu não disse? - exclamou Donald, fitando Betty. - Era um principiante, tanto quanto você é covarde!

- Evitei que ele atirasse em você pelas costas!

- E é só por isso que não a mato. . . agora. Mas tenho certeza que ainda a matarei, antes de sair de Portland.

Enquanto falava, acercou-se de Betty e lhe deu várias bofetadas violentas, deixando-a desacordada.

Pagou sua bebida, e abandonou o cabaré

Vários homens correram para ajudar Betty. O sangue e o aspecto de seu rosto os deixou assustados. Alguns saíram para avisar o médico.

Quando o médico chegou, haviam levado Betty para seu quarto. Depois de

limpar o sangue e fazer uns curativos, ele perguntou: Quem fez isto?

Contaram-lhe o que acontecera.

-- Ela não aprende! - exclamou o médico.

- Espero que tenham matado esse covarde! - exclamou Betty.

- Cale-se - disse o médico. - Você teve sorte. Você poderia estar morta, como aconteceu ao xerife.

Van Dine foi informado e veio correndo ver Betty. Assim que entrou, perguntou:

- Por que não deixou o forasteiro em paz? Você incitou Pat a matá-lo e aí está o resultado: Pat morto e você com o rosto nesse estado. Já pensou em como vai ficar depois que os ferimentos cicatrizarem? Onde terá ido parar sua beleza?

- Você tem de mandar matá-lo! - exclamou Betty.

O xerife fora ao cabaré, informar-se sobre o que acontecera.

- Pat queria assassinar o forasteiro - comentou um deles. - e Betty tratou de ajudá-lo, distraindo o forasteiro. O rapaz só

não a matou porque ela impedira que o ajudante o matasse pelas costas.

- Eu irei atrás dele e veremos se comigo é tão valente.

Não se atreveu a ir até o quarto de Betty visitá-la. Quando se encontrou com Van Dine, este disse:

- Se não matar este forasteiro, pode devolver a estrela de xerife. Ninguém mais o respeitará nesta cidade.

- Não se preocupe. . . Eu o pegarei.

Van Dine sorria, enquanto se afastava. Tinha certeza que Henry faria o possível para não se encontrar frente ao forasteiro. Agora, vendo o medo que o dominava, compreendeu que não era o homem valente que julgara durante tanto tempo.

Henry foi para seu gabinete e sentou-se numa cadeira, disposto a não arredar pé dali, nas próximas horas.

Quando a notícia do ocorrido se espalhou, a taberna de Betty ficou cheia. Queriam ouvir a estória da boca das próprias testemunhas. Tracy também apareceu, e a seu lado ia Cane.

O que Pat queria fazer era um crime - comentou Tracy.

- Mas o forasteiro não soube agradecer o que Betty fez por ele. Se não fosse ela, estaria morto.

- Mas depois ela incitou Pat a atirar contra ele - disse uma empregada.

- Betty perde a calma com muita facilidade - disse Tracy - qualquer dia matam-na também.

- Hoje ela esteve, bem perto de morrer - acrescentou a empregada.

- Bem, se esse forasteiro ainda não saiu da cidade, as coisas vão ficar pretas para ele. - disse Cane. - Van Dine e seus sócios tomarão providências para que ele seja punido.

- Parece que o rosto de Betty vai ficar com cicatrizes. Doravante ela será duas vezes mais feroz.

- Quando se olhar no espelho... Cane foi ver Betty em seu quarto.

Vendo Cane, ela lhe fez sinais para se aproximar. Em voz baixa, pois ainda lhe doía falar, pediu a Cane que fosse procurar

o capataz de Van Dine e lhe desse ordens de matar o forasteiro que a surrara.

Entrementes, Donald, depois de dar uma volta pelo cais e observar os cabarés que havia ali, voltou ao hotel para jantar.

Uma jovem, não muito bonita, serviu-o. Donald verificou que havia mais hóspedes do que ele imaginara. A proprietária acercou-se de sua mesa e lhe perguntou se a comida lhe agradava.

- Joan! - exclamou um dos hóspedes. - Já soube o que aconteceu com Betty?

- Ela ainda vai se ver em apuros muito maiores. Não é de hoje que digo isso. Aquela mulher não tem sentimentos.

- Dizem que seu rosto ficará marcado. Até hoje, sua beleza ajudou-a muito e talvez vá perdê-la... - comentou outro.

- Parece que os homens de Van Dine virão à cidade. .. Se vierem, o forasteiro vai passar maus bocados. São um bando de selvagens

- Duvido que ele fique na cidade até que apareçam esses celerados - disse a proprietária, olhando sorridente para Donald. Fariam um massacre. São

traíçoeiros, e impõem o terror no rio e no bosque. Somente eles têm direito de transportar madeira no rio. Isso é um abuso!

Estas palavras provocaram uma longa discussão entre os hóspedes que se encontravam no refeitório. Mas a opinião geral era que a Noroeste era injusta, ficando com o rio só para si e sem permitir que os demais transportassem madeira por ele.

Donald ouvia em silêncio, atento a tudo que diziam sobre a Noroeste. A dona do hotel sentou-se à sua mesa.

- Deve partir da cidade o quanto antes - disse. - Foi você quem matou o ajudante do xerife e golpeou Betty, não foi?

- Fui obrigado a agir assim.

- Não o censuro, a não ser por ter deixado aquela víbora ainda com vida. Mas dizem que ela é sócia de Van Dine, o homem que dirige a Noroeste. Seus homens são realmente perigosos, pode acreditar.

- Estou procurando Benjamin Heath e seu sobrinho e não partirei enquanto não os encontrar.

- Perguntarei a alguns lenhadores para descobrir em que parte do bosque eles estão. Mas é preciso que você parta imediatamente. Alguns destes hóspedes já o reconheceram e são capazes de denunciá-lo a Van Dine. Não temo por mim e sim por você. Se ficar aqui você não durará muito tempo, não poderá enfrentá-los! Eles atiram pelas costas.

- Acho que você tem razão. Mas vim para me encontrar com John e preciso localizá-lo.

- Pode ir para a cabana de um lenhador amigo meu. Meu marido foi sócio dele. Uma árvore matou meu marido... caiu sobre ele. Este amigo é de inteira confiança. Então poderá descobrir onde estão Ben e seus companheiros.

Donald terminou por aceitar a sugestão da proprietária do hotel. As instruções que ela lhe deu lhe permitiram chegar à cabana do lenhador, com facilidade.

Quando perguntou por Ben, o lenhador indicou onde era seu acampamento. Depois resolveu levar Donald pessoalmente até lá. Donald foi recebido com alegria por parte de

John e Ben. Admirou a beleza de Lysa e pouco depois saboreou sua comida, pois chegou na hora do almoço.

O lenhador voltou para sua cabana. Era dono de uma extensa parcela e dedicava o tempo a cortar árvores.

Até então vendera a madeira a Van Dine. Sabia que o preço que pagava era ridículo, mas era obrigado a vender, pois não encontraria outro comprador e aquele era seu único modo de vida.

Van Dine comprava-lhe a madeira para agradá-lo e mais tarde convencê-lo a ingressar na Noroeste. Mas o amigo da dona do hotel era teimoso. Recusava-se a aceitar um acordo com Van Dine e não vendia sua parcela, o que desesperava Van Dine.

Mas, alguns dias antes da chegada do Donald, Van Dine lhe dissera que não queria mais comprar sua madeira. Era um terrível problema para ele, pois não havia outros compradores.

Não podia recorrer ao banco, em busca de um empréstimo. Ao banco não interessava o bosque, e suas árvores não representavam garantia nenhuma.

Durante a viagem, antes de alcançarem o acampamento de Ben, o lenhador relatou a Donald seus problemas. Era um homem rico, com a quantidade de madeira que possuía e ao mesmo tempo era pobre, por não poder vendê-la.

Quando voltou a seu próprio acampamento, que consistia de uma cabana para si e outra para os trabalhadores, Tracy o esperava. Os dois homens cumprimentaram-se afetuosamente.

Tracy sugeriu comprar a parcela, e o preço que ofereceu fez o homem arregalar os olhos. Não podia esperar que alguém lhe oferecesse tanto dinheiro. Mas, mesmo assim, de momento não se decidiu a vender. Tracy se despediu recomendando-lhe que meditasse na proposta.

CAPÍTULO 5

- Ainda não descobriram esse maldito forasteiro? - exclamou Betty, com os olhos fuzilando de cólera, seu rosto ainda estava coberto pelos curativos.

- Não foi visto em lugar algum - respondeu o capataz de Van Dine. - Asseguro-lhe que temos tanto interesse em matá-lo quanto você.

— Aqueles covardes! Permitiram que ele me golpeasse e nada fizeram! Eu devia deixar que Pat o matasse pelas costas!

- Por que o impediu?

- Sabia que Pat cometia um engano... Depois, Pat revelou-se um covarde. Enganava todo mundo, fazendo-se passar por bom atirador. E o mesmo faz Henry.

- Você está nervosa... Henry é bom atirador, garanto-lhe. E não é covarde.

- Pois aquele dia eu vi que estava apavorado.

- Deve ter se enganado. Henry nem veio à taberna naquele dia.

Mas ele não veio me ver e disseram-me que estava com medo,

- Não ligue para o que dizem.

- Quem foi para as minas?

- Lewis e um grupo de amigos. Como delegado de minas, saberá organizar aquilo. Estamos cansados de perder tanto tempo. E o negócio da madeira tão pouco se ajeita. Tracy, aquele patife, é quem vai ficando com as melhores parcelas. Dentro de mais algum tempo, ele será dono de todo o bosque.

- Por que não o convencem a ingressar na Noroeste?

- Ele quer formar outra sociedade adquirida por ele mesmo. E, se conseguir, será o fim da Noroeste. Os associados estão temerosos, irritados com o preço baixo que pagamos por sua madeira. Os marinheiros costumam falar dos bons preços da Califórnia... Van Dine está abusando e isto talvez dê maus resultados. Se Tracy fizer sua sociedade, todos os que agora estão conosco passarão para o lado dele.

- É incrível a maneira como vocês perdem tempo.

- Isso não é roubar gado, é bem mais difícil. - Duvido que a madeira possa ser reconhecida, como acontece com as reses.

- Mas no bosque não vale nada, e trazer madeira roubada para cá é um perigo.

- Vocês se impoariam e seriam respeitados.

- Já somos respeitados, mas não se pode abusar. Alguns madeireiros foram a Olympia. Não se esqueça que os militares podem intervir, se o governador ordenar. É preciso trabalhar mais nas zonas de minas. A madeira não dá o lucro que se pensou a principio. É verdade que temos barcos e só nós utilizamos o rio, mas é um lucro que depende de muito trabalho.

- Sim. Dentro de trinta anos. cada um de vocês terá alguns dólares economizados.

- O que é necessário fazer é levar documentos preparados para outros acampamentos. E depois de cada visita, vocês terão alguns sócios a mais.

O capataz riu.

— É justamente o que resolvemos fazer, a partir desta noite. Estão preparando os documentos que serão assinados.

O rosto de Betty se iluminou num sorriso cruel.

- É preciso fazer o mesmo na zona de minas - disse.

- Isso é com Lewis. Ele sabe trabalhar.

- Bem demais, talvez... para ele. Não confiem em Lewis. Deve ter muito ouro escondido, pensando em ficar com tudo.

O capataz disse a si mesmo que Betty não confiava em ninguém.

Dois dias mais tarde. Bois, secretário da Noroeste, entrou na taberna de Betty.

- Parece que os rebeldes começam a se convencer de que é preferível se unirem a nós - comentou.

- O que está havendo?

- Temos novos associados. E ao que parece, muitos outros vão ingressar na Noroeste nos próximos dias. Agora vamos precisar de mais barcos. Poderemos carregar três, semanalmente.

- Alegria-me que se unam e ponham fim a essa luta surda que travam há tanto tempo.

Mas o sistema empregado deixou de ser segredo, porque uma das mulheres, assustada, falou com uma amiga. Relatou a visita de uns cavaleiros e o modo como "convenciam" ameaçando matar os familiares de quem não se unisse à Noroeste. Pediu à amiga que não contasse o fato a ninguém, pois ela estaria em perigo.

Mas a mulher comentou o caso com uma amiga íntima... E a partir deste momento formou-se uma cadeia, que não mais se interrompeu. No dia seguinte toda a cidade comentava o fato.

O madeireiro que levara Donald ao acampamento de Ben, ao saber destas visitas noturnas, correu à casa de Tracy. Disse-lhe que estava disposto a aceitar a oferta que ele fizera.

Muriel lançou um olhar ao visitante e a seu pai. Estavam almoçando e o madeireiro foi convidado a comer com eles.

- Alegria-me que tenha resolvido vender. Iremos ao povoado e falaremos com Cane.

Ele preparará os documentos e legalizará a venda. Quantas árvores calcula que há?

- Muitos milhares... Não sei ao certo, mas são muitas. São duzentos hectares de terra.

- Vai embora daqui? - indagou Muriel.

- Sim, seu pai ofereceu bom preço... Voltarei para minha terra. Comprarei um rancho e criarei gado, de novo. Era o que fazia, quando era criança e tinha a cabeça cheia de ilusões. Sozinho, não posso lutar contra a Noroeste e, se me junto a eles, pagam uma miséria por minha madeira.

- Se meu pai formar sua sociedade, você poderia se unir a ele. Mas é tolice vender.

- Muriel! - exclamou Tracy. - Deixe George tranquilo. Ele prefere vender porque já não é jovem. E com o dinheiro que lhe darei, poderá comprar um bom rancho em sua terra. A vida no bosque é dura demais para quem já passou de uma certa idade.

- Você deve ter a mesma idade que ele. Como aguenta essa vida e ele não?

- Tenho meus empregados. Não preciso cortar árvores com meus próprios braços.

- Se formar a sociedade, haverá um grupo organizado de cortadores e ele também não precisará trabalhar.

George sorria para Muriel. Percebeu que devia ignorar o que faziam para obrigar todos a se filiarem à Noroeste, também ignorava que só o medo o levava a vender suas terras a Tracy.

Por fim, George declarou que gostaria de voltar para sua terra e Muriel não insistiu mais. Tracy lhe disse que podia voltar no fim da tarde para assinar o documento e receber o dinheiro. George, desejoso de resolver o assunto o mais depressa possível, disse que ficaria ali e Tracy convidou-o para jantar

Muriel foi para o povoado e visitou Annie. Soube dos rumores sobre as atividades da Noroeste para conseguir mais sócios. Então compreendeu porque George desejava vender suas terras. Estava sozinho no acampamento e seria fácil obrigá-lo a assinar.

Quando voltava para casa, meditou no motivo pelo qual não obrigavam também seu pai a se filiar à sociedade. Calculou que

deviam ter medo do grupo de trabalhadores de Tracy, permanentemente no bosque.

Muriel sabia que seu pai também queria formar uma sociedade, para unir todos os madeireiros ainda independentes. Assustou-se ao perceber que estavam formando dois exércitos, que mais cedo ou mais tarde se enfrentariam numa luta sangrenta, a menos que pusessem fim às suas divergências, através de um acordo.

Os homens de seu pai utilizavam um outro rio, menor, para enviar a madeira ao embarcadouro. Ali havia um depósito. Também havia alguns capitães de barco que eram amigos de seu pai e costumavam embarcar sua madeira.

Absorta em seus pensamentos, não percebeu que o cavalo enveredava por um caminho diferente do que levava à sua casa. Quando percebeu seu engano, estava diante de dois rapazes sorridentes.

- Que surpresa agradável! — dizia Donald.

- Muriel! - exclamou Ben, saindo da cabana. - O que faz por aqui?

- Vinha distraída... e o cavalo tomou rumo diferente. . .

- Desmonte e coma conosco!

- É a filha de Tracy? - perguntou Spencer, aparecendo.

- Sim - disse Ben. - Está há pouco tempo na cidade.

O temperamento afável de Murel conquistou a simpatia de todos eles, especialmente de Lysa. Muriel estava encantada com essa companhia e aceitou comer com eles.

Contou o que ouvira em casa de Annie, sobre as visitas noturnas dos homens da Noroeste aos acampamentos isolados, para obrigar os homens a ingressarem na sociedade.

- E acho que é esta a razão de George, um vizinho nosso, ter aceitado a oferta de meu pai para comprar sua parcela. Meu pai lhe pagará vinte mil dólares. Entregará o dinheiro esta mesma tarde, depois de assinarem os documentos que Cane vai preparar. Não suporto esse advogado, que se obstina em me conquistar...

Ben e Spencer ficaram intrigados.

- Você disse que seu pai comprará a parcela de George por vinte mil dólares? - exclamou Ben.

- Sim, ouvi quando discutiam. George diz que quer voltar à sua terra. Mas a verdade é que deve ter ficado com medo do pessoal da Noroeste.

- Bem, não se pode dizer que seu pai se aproveita da situação, e qualquer outro faria isso.

- Meu pai é um homem muito estranho - confessou Muriel. - Faz coisas e fala de uma forma que me deixam intrigada. Por exemplo, concordava em que Lysa ficasse na taberna de Betty, naquelas condições... porque Betty pagara por ela.

- Você deve tê-lo interpretado mal - disse Ben.

- Não. Ele falou bem claro e me surpreendeu. Parei de discutir sobre o assunto para não irritá-lo... e também a Cane, que concordava com seus pontos de vista.

- Quer dizer que seu pai tem tanto dinheiro assim em casa? - exclamou Ben.

- Talvez tenha mandado alguém receber o dinheiro no banco e avisar Cane.

Lysa contou o que John e Donald haviam feito e sorriu ao comentar o ponto em Betty ficara.

- Dizem que quando tirar as ataduras e se olhar no espelho, ficará uma fera. porque seu rosto ficará com cicatrizes.

- Eu devia ter matado essa hiena - disse Donald. - Agora entendo porque a chamam de A Vibora. É a pura verdade.

- Deve estar pressionando meio mundo para que descubram seu paradeiro - disse Muriel.

Depois de comerem. Donald e John acompanharam Muriel. Antes de partir, ela prometeu a Lysa que daria uma fugida todos os dias, para encontrar-se com eles.

- Não cheguem perto da casa - recomendou Muriel. - É melhor que meu pai não saiba o que aconteceu.

Os dois homens concordaram.

Quando Muriel entrou na sala. encontrou George e Cane. Seu pai não se deu ao trabalho de perguntar-lhe por que chegava tão tarde. Estava entregando o

dinheiro a George, e este conferia lentamente.

George declarou que trouxera o cavalo preparado, pois queria partir assim que se efetivasse a transação. Tracy sugeriu que dormisse ali e partisse no dia seguinte, de manhã. George aceitou encantado. Tinha medo de passar a noite em sua casa.

Continuaram na sala, conversando sobre vários assuntos. Afinal Cane se despediu e Tracy foi falar com os trabalhadores, num amplo barracão a pouca distância da casa.

Muriel, como fazia todas as noites, pegou um livro e ficou lendo. George saiu para dar um passeio. Quando voltou, Muriel notou seu nervosismo. Começou a conversar com ela, contando-lhe onde morava sua família e dando detalhes sobre seus parentes. Disse que tinha mulher e dois filhos. Muriel afirmou que gostaria de saber como estava e anotou numa página do livro o endereço da família de George.

De repente George inclinou-se para ela e lhe cochichou:

- Quer guardar este dinheiro até amanhã, sem que seu pai nem ninguém mais saiba? Aprese-se... Faça-me este favor.

Quase sem refletir, Muriel pegou o dinheiro e entrou em seu quarto. Voltou instantes depois.

George estava sentado numa cadeira. Muriel pegou o livro e depois recomeçou a leitura. Seu pai e o capataz entraram logo depois.

- Você vive lendo! - exclamou o capataz.

- É o que mais me distrai. . .

- Bem... George, soube que por fim se decidiu a vender. . . Acho que fez bem. . . Nós estamos em condições de lutar contra a Noroeste, mas os que estão isolados, como você, nada podem fazer. É preciso muitos trabalhadores, e devem trabalhar muito, pois do contrário não se envia madeira alguma ao embarcadouro. E é preciso ir à Califórnia combinar os preços. Creio que meu patrão fará uma viagem...

- É verdade, papai? - perguntou Muriel.

- Sim, mas será uma viagem rápida. Não poderia levá-la, filha, lamento.

- Não se preocupe, fico bem aqui. Gosto da vida no bosque, e como às vezes vamos para a casa na cidade, divirto-me muito. Annie é uma boa companhia. Quando pensa partir?

- Ainda não sei, mas será logo. É preciso encontrar bons compradores e que toda a madeira que se corte seja vendida de antemão.

- É o melhor meio de combater a Noroeste - declarou o capataz. - Agora, com a aquisição do bosque de George, temos mais árvores que eles.

- E eu vou contente para junto da minha família! - exclamou George.

Muriel surpreendeu o sinal que Tracy trocou com a capataz, por trás de um sorriso disfarçado.

- Pensa ir em algum barco? - perguntou Tracy.

- Não. Irei por terra. Há a ferrovia e a diligência.

O capataz e Tracy trocaram novo olhar. Muriel ficava cada vez mais preocupada. Começava a compreender o pânico de George e suspeitava de uma trama entre

seu pai e o capataz, relacionada com o dinheiro que Tracy entregaria a George.

George lhe pedira que fizesse segredo até mesmo para seu pai de que guardara o dinheiro.

A angústia a sufocava, dando-lhe um nó na garganta, como se uma garra a aprisionasse.

- Não seria preferível a viagem de barco? - indagou o capataz.

- Prefiro ir a cavalo até onde possa embarcá-lo num vagão. Com as baldeações, em aproximadamente uma semana estarei em casa, junto de minha família, que não vejo há anos. Creio que foi um acerto eu não me aterrar a esta propriedade. Eu teria então que trazer minha família, o que seria bem mais difícil. Meus filhos já beiram a maioridade.

- Sem dúvida, foi uma atitude muito acertada vender... Muriel, não vai dormir?

- Ainda não estou com sono - respondeu a jovem. - A que horas vai partir, George?

- Quero sair a tempo de pegar a diligência que vai para Qlympia. Não, não

posso... esqueci-me de que devo ir de trem, por causa do cavalo. Se bem que seria mais simples e mais rápido pegar a diligência. Economizaria algumas horas. Se você for comigo a Portland, dou-lhe meu cavalo de presente. É um bom animal.

- Vou com você! - disse Muriel. - A que horas vai se levantar?

- Creio que às oito é uma boa hora, A diligência sai às dez.

- Também há o trem,

-- Faz um percurso mais longo. Na diligência, descerei até o Pacífico Norte. Agora vou deitar, começo a me sentir cansado. Descanse bem, Muriel. Boa noite a todos vocês.

O capataz e Tracy se despediram dele. Muriel percebeu que estavam ambos nervosos. A índia que cuidava da casa, mostrou a George seu quarto e ele se deitou. Mas, alguns minutos mais tarde, caminhava furtivamente pelo bosque, sem fazer o menor ruído. Duas horas depois, alcançou o acampamento de Ben.

John e Donald foram os primeiros a aparecer.

- Ben não está?

- Estou aqui! -- respondeu Ben, surgindo atrás de Donald e John.

- Houve alguma coisa? O que veio fazer aqui a uma hora dessas? O pessoal da Noroeste ameaçou-o em sua casa?

- Não, Assim que descansar um pouco contarei o que há. Caminhei muito.

Levaram George para a sala.

CAPÍTULO 6

Depois de beber um copo d'água, George começou a falar.

- Estou com medo, Ben... muito medo.
- Tranquelize-se, aqui está em segurança.

- Eu sei, mas não acreditava que pudesse chegar. Acho que os enganei.

- A quem?

- Tracy e seu capataz

- Não estou entendendo. . .

Agora compreendo por que Tracy conseguiu tantas parcelas e também por que dava tanto dinheiro por elas. Claro que pagava bem e isto lhe valeu a fama de homem honrado.

- Acalme-se, George, você está falando um monte de coisas que não consigo entender bem.

- Pos é a verdade. Sabe quanto me pagou por minha parcela? Vinte mil dólares.

- É bastante dinheiro!

- Sem dúvida. Justifica a fama que ele tem. Mas é um plano muito bem bolado. E foi só por um acaso que consegui descobrir

a verdade. Jantei em casa de Tracy... E quando ele saiu com Cane, sai também para dar uma volta. Já estava escuro e avistei Tracy, indo em busca de seu capataz. Os dois tiveram uma conversa e não sei como não gritei aterrorizado, ao ouvir parte do que diziam. O capataz garantia a Tracy que ele podia ficar tranquilo, porque no dia seguinte de manhã teria de volta os vinte mil dólares. É um bom sistema! Tracy oferece uma boa quantia e a venda é efetuada legalmente, com papéis assinados e testemunhas. Mas no dia seguinte recuperam o dinheiro. Como? Pois é muito fácil. Matam o vendedor e o enterram, explicando depois que ele partiu para longe. Ninguém pode suspeitar de um homem tão correto, que oferece um preço tão bom por terras que qualquer outro quereria comprar por uma ninharia.

Quando George parou de falar, houve um silêncio.

- Repito que não sei como me dominei e não gritei. Voltei para a casa, muito nervoso, e pedi a Muriel que guardasse o

dinheiro, sem dizer nada ao pai e ao capataz.

- E ela, o que fez? - indagou Donald.

- Escondeu o dinheiro em seu quarto e quando Tracy entrou com o capataz, estávamos sentados tranquilamente na sala, como se nada tivesse acontecido. Depois, entrei em meu quarto, fingindo que ia dormir e saltei a janela. Corri para cá.

- É verdade....- disse Ben, pensativo. - Todos que venderam suas parcelas a Tracy, partiram em viagem para longe. Nenhum deles tornou a aparecer na cidade.

- É um sistema diabólico de se apropriar legalmente das parcelas, sem gastar um centavo. Entregam dinheiro e depois o recuperam criminosamente.

- O que vão pensar quando não o encontrarem? - inquiriu John.

— Deixei o quarto fechado por dentro. Deixei o ferrolho da janela de jeito que ele caiu quando a bati, fechando-a para que não desconfiem de nada vendo-a aberta. Devem me julgar adormecido. E certamente estão intranquilos, porque Muriel disse que

ia à estação comigo, amanhã. Ficaria com o cavalo, que resolvi dar a ela.

- Não vão esperar até amanhã. . . E depois dirão a Muriel que você resolveu partir antes.

- Muriel não vai acreditar. Sabe que eu não partiria sem o dinheiro que deixei em seu poder.

- E se chegar o novo dia e disserem a ela que você partiu, ela pensará que o mataram e confessará que ficou com o dinheiro, o que prova que você não pode ter partido. É preciso falar com Muriel e impedir que isto aconteça.

- Devem estar vigilantes.

- Mas não suspeitam de nada, pois seu cavalo ficou na cocheira - disse Ben.

- O que devemos fazer é ir lá e enforcar esses dois assassinos - disse John.

- E contamos a Muriel que eles é que partiram em viagem.

- Não! Tenho uma idéia que vai deixá-los assustados e furiosos. Mas para tanto é preciso falar com Muriel e convencê-la a nos ajudar.

- É preciso levar em conta que, mesmo sendo um assassino, Tracy é seu pai - disse Donald. - Não podemos contar com ela. Basta a notícia de que George conseguiu partir com os vinte mil dólares. Para castigá-los, sempre haverá tempo. Aproveitaremos um momento em que Muriel estiver fora de casa. E de uma maneira que não possam suspeitar de nós.

Por fim, Donald resolveu ir visitar Muriel.

- Vamos todos juntos. Podemos dizer que estamos vigiando, para o caso de aparecerem os pistoleiros da Noroeste. E aproveito para perguntar se eles não foram incomodados.

Esta idéia foi do agrado geral.

- George devia ficar no acampamento, para que Muriel acusasse seu pai e o capataz de assassinos. E fará isso diante de todos nós. Assim evitaremos que esse canalha recupere o dinheiro. Diremos que é preciso mandá-lo à viúva e aos filhos.

Quando chegaram à casa de Tracy, encontraram todos dormindo. Tracy combinara com o capataz surpreender

George de madrugada, quando estaria ferrado no sono. Matariam o cavalo e o enterrariam também, para não deixar dúvidas sobre a partida de George.

Para Tracy, foi uma surpresa a chegada de Ben e de seus companheiros.

- O que faz aqui a essa hora, Ben? - exclamou.

- Estamos dando uma batida, para ver se localizamos os homens da Noroeste que estão visitando os acampamentos durante as noites, para obrigar os madeireiros a venderem. Não apareceram por aqui?

- Não, aqui não veio ninguém.

- O que está havendo? - exclamou o capataz, entrando de revólver na mão. - Ah, é você?

- Estão patrulhando a região, em busca dos homens da Noroeste. . .

- Não acredito que se atrevam a aparecer por essas bandas - declarou o capataz, com um sorriso.

Muriel não conseguira dormir, pensando em George e no dinheiro que escondera. Levantou-se ao ouvir vozes e foi para a sala.

- Aconteceu alguma coisa, papai? Ah, é Ben... Qual destes dois é seu sobrinho? Você vivia falando nele...

- Sou eu - disse John, fazendo o jogo de Muriel, que fingia que não se conheciam. - Este é Donald, um amigo meu. Viemos ajudar meu tio na exploração do bosque.

- Volte para a cama - disse Tracy à filha.

- Agora perdi o sono. Onde está George?

- Deve estar dormindo.

- George está aqui? Sem dúvida deve ter ficado com medo desses homens da Noroeste.

- Não - disse Muriel. - É que vendeu sua parte do bosque a meu pai. E vai viajar amanhã cedo, na diligência. Presenteou-me com seu cavalo.

- É um bom animal.

- Ele quer voltar o quanto antes à sua terra para rever a mulher e os filhos. O cavalo só iria atrapalhá-lo.

- Ele está pensando em partir sem se despedir de ninguém? - disse Ben. - Não está certo...

- Vou acordá-lo - disse Muriel. -
Quanto pagou a ele, papai?

- Vinte mil dólares.

- Caramba! É um bocado de dinheiro!
Acho que George nunca teve tanto. . . Deve
estar satisfeito.

- Querem tomar café? - convidou
Muriel. - Será um prazer - disse Ben.

- Sentem-se. Preparo o café num
instante. O capataz e Tracy estavam
nervosos.

- Acho que devemos ir todos dormir...
Talvez esses rumores sejam infundados.

- Antes vamos tomar café, já que Muriel
foi tão amável... — disse Donald.

Muriel, ao passar diante da porta do
quarto de George, bateu.

A índia apareceu e ela pediu-lhe que
fizesse café. Continuou batendo na porta,
até que da sala escutaram.

- Deixe George dormir! - gritou Tracy.

- Tem um sono pesado! - exclamou
Ben, rindo.

Muriel, apreensiva, continuou batendo.

- Abra, George! - gritava.

Tracy e o capataz acabaram estranhando o silêncio de George e também foram para junto da porta do quarto.

- A janela! - exclamou o capataz. - Deve ter saltado a janela!

Correu ao exterior e surpreendeu-se por encontrar a janela fechada. Golpeou-a também, violentamente.

Muriel fitava o pai, e interpretou mal seu nervosismo.

O capataz, utilizando uma faca, conseguiu abrir a janela. Entrou no quarto e abriu a porta.

- Não está aqui - exclamou, olhando para Tracy. - E a cama não foi desfeita.

— Escapou! - exclamou Tracy.

- Não é possível! disse Muriel. - Deve ter ido dormir no campo, mas não pode ter partido.

— Vá ver se o cavalo está na cocheira. O capataz saiu para cumprir a ordem de Tracy. Voltou, daí a instantes,

- O cavalo está lá... Não pode ter partido a pé...

- Deve ter levado o cavalo de algum dos rapazes.

O capataz voltou à cocheira e retornou dizendo que não faltava nenhum dos cavalos.

- Então ele foi a pé. Deve estar em algum hotel da cidade. Prometeu dar o cavalo a Muriel e por isso o deixou.

- Vou ver se o encontro.

- A essa hora? - exclamou Ben. - Deixe-o ficar onde bem entender. Se ele quer partir de manhã cedo, é melhor que fique na cidade, para não correr o risco de se atrasar.

- Esquecemos que é preciso assinar outros documentos. . . Eu esperava, amanhã, lhe pedir que o fizesse... Vá ver se o encontra!

O capataz saiu para cumprir a ordem. Muriel, confusa, olhava para o pai. Em sua opinião, George fora dormir no campo e voltaria cedo na manhã seguinte para pegar seu dinheiro.

Não queria confessar que tinha em seu poder esta fortuna. A presença do cavalo na cocheira indicava que ele não devia estar longe.

A índia chegou com o café e todos tomaram, menos Tracy, que continuava nervoso. Estava convencido de que George partira. E levara todo o dinheiro, que ele lhe entregara na esperança de recuperá-lo. Agora, ficaria numa situação bem difícil.

O capataz chegou à cidade e entrou em todos os hotéis, perguntando por George. Também acabou convencido da fuga do madeireiro. Quando regressou ao acampamento, o dia começava a nascer e os cortadores levantavam-se para o trabalho diário.

- Encontrou-o? - inquiriu Tracy, ansioso.

- Não! Não está em nenhum dos hotéis e nem na estação de diligências.

- Então fugiu! - resmungou Tracy. - Esconcondeu-se em algum lugar. Na hora da partida da diligência, aparecerá na estação.

Os dois saíram de casa, não se incomodando com a presença dos visitantes.

- O que há com seu pai? Está nervoso com a partida de George. Não assinaram os documentos de venda?

- Claro que assinaram. Cane esteve aqui e vi quando assinavam.

- Então...?

- Não compreendo... Não quero compreender! - Muriel começou a chorar.- E temo que tudo que estão fazendo não passe de uma comédia... Estou aterrada! Tenho medo que tenham matado George!

- Por que tem medo? - disse Ben, afagando os cabelos de Muriel.

- É horrível! George não pode ter partido!

- Pois parece que partiu.

- Mas não pode ter ido para não mais voltar... Estou com o dinheiro que papai lhe deu.

E contou aquilo que já sabiam por intermédio de George.

- Ele estava com medo quando me deu o dinheiro. Enquanto estive deitada, meditei. Foi isso que ele ouviu quando foi dar uma volta...

- De que é que você suspeita?

- Acho que papai lhe deu tanto dinheiro porque pensava recuperá-lo mais tarde, matando George. Horroriza-me pensar que ele seja capaz de matar um homem por causa de dinheiro. É horrível, mas acho que já fizeram o mesmo com as outras parcelas que papai comprou... Ouvi no povoado que ele pagava muito bem por essas parcelas... Desde que cheguei, ele comprou três. Será que matou todos os donos?

- Lamento, mas não há dúvida, infelizmente, que você está certa. Suas suspeitas correspondem à realidade. Devem ter assassinado os vendedores para recuperar o dinheiro. Por isso agora estão desesperados com o desaparecimento de George. Imaginam que ele tem em seu poder os vinte mil dólares.

- Não! Seria horrível! - horrorizada, Muriel cobriu o rostos com as mãos.

- Você tem razão, é horrível... mas é a realidade.

Ben confessou então a razão de sua presença ali e relatou o que George ouvira da conversa entre Tracy e o capataz.

- Felizmente ele está a salvo! - disse ela, enxugando as lágrimas. - Como meu pai pode ser tão cruel? Nunca pude acreditar em minha mãe... Várias vezes a ouvi chamar papai de assassino. Agora compreendo que ela tinha razão. Vou entregar o dinheiro a vocês para que George possa voltar para junto de sua família e comprar um rancho. O que acontecerá a meu pai?

Ninguém respondeu. Nenhum deles se atrevia a dizer que Tracy só merecia uma coisa: a forca.

Muriel trouxe o dinheiro, entregando-o a Ben. Pensava em ir em busca de seu pai e aconselhá-lo a fugir, avisando-o que já sabiam o que acontecera aos homens de quem ele comprara as parcelas.

Mas, quando ia saindo, John disse.

- Não vá avisar seu pai! Lamento, mas ele tem de ser enforcado! É um assassino, não pode continuar solto.

- É meu pai!

- E os homens que ele assassinou, também não eram pais? Seus filhos não tinham o direito de clamar pela vida deles?

Tracy roubou todas as parcelas que possui. Se fosse só o roubo, seu crime seria bem menor, mas há os assassinatos.

- Deixe-me falar com papai... Ele pode mudar!

- Lembre-se que sua mãe dizia a mesma coisa. E ele mudou? Para pior, se é que mudou...

- Se eu conversar com ele, é possível que mude.

Donald fez um sinal a John e este compreendeu. John continuou conversando com Muriel, enquanto Donald se encaminhava para a cidade. Sabia que os encontraria na estação.

E não se enganou. Como o trem saía antes da diligência, os dois tinham ido para lá. Donald se aproximou.

- Não precisam mais procurar George - disse-lhes. - Ele já apareceu. Precisava voltar à sua casa porque deixou o dinheiro que você lhe entregou em poder de Muriel. Deu-lhe ontem à noite.

- Quer dizer que Muriel estava com o dinheiro e não me disse nada? Vamos

voltar. Vou obrigá-la a me entregar esse dinheiro!

- Mas o dinheiro é de George... Você não o deu a ele, como pagamento da parcela do bosque?

Enquanto discutiam, um grupo de curiosos juntou-se em Volta.

- Devolverei a ele o documento e ficarei com o dinheiro. Não quero aquela terra.

- Agora é tarde, já assinaram os documentos. Um belo plano o seu. Você é um homem que goza de uma fama inatacável. Pagava grandes quantias pelas parcelas que comprava... mas diga a essa gente que nos ouve como recuperava o dinheiro. Assassino! Matava os vendedores e depois anunciava que tinham partido para longe.

- Você está louco!

- George ouviu a conversa de vocês ontem à noite, planejando sua morte. Por isso entregou o dinheiro a Muriel, escapando a seguir. Se o assassinassem, Muriel mandaria o dinheiro à família dele.

- Ainda bem que sou conhecido nesta cidade e todos sabem que sou um homem

honrado. Quanto a você, não passa de um assassino!

- Pois agora todos vão saber que espécie de "honra" é a sua. O que eu disse é verdade. Assassinaava para recuperar o dinheiro. Nunca fazia os pagamentos em bancos ou em qualquer lugar da cidade. Mandava sempre que fossem receber em sua casa, e durante a noite.

O capataz percebeu pelos olhares hostis dos homens que os rodeavam, que acreditavam em Donald. Desesperado, tentou sacar o revólver

Foi o pretexto que Donald esperava, e disparou sobre os dois homens.

CAPÍTULO 7

- Onde se meteu que ninguém o achava?

- Dei um pulo no acampamento. Quando voltei, recebi a notícia de que Tracy e seu capataz estavam mortos.

- E foi o mesmo forasteiro que matou o ajudante do xerife. Mostrou a todos um Tracy que não conheciam em Portland. Foram duas mortes perfeitamente justas. E vocês diziam que ele não ousaria aparecer de novo na cidade... Ainda por cima, juntou-se àquele outro selvagem, o sobrinho de Ben. São inimigos muito perigosos para vocês.

Henry sorria, olhando para Betty.

- Por mais que você fale assim, não conseguirá me irritar. Cuide de sua taberna e deixe que nós nos preocupemos com nossos negócios. Compreendo que está com raiva, mas você mesma pode se encarregar da vingança.

- Eu sabia que vocês tinham medo desses rapazes.

- E você não tem, não é isso? Pois então trate de enfrentá-los.

- Para que acha que o nomeamos xerife?

- Você se enganou, Betty, não serei um empregado desta taberna.

- Então trate de devolver essa estrela. - Voltarei ao meu trabalho.

- Agora não conseguirá mais emprego no grupo de Van Dine.

- Arrumo emprego em outro lugar. Todos precisam de cortadores de árvores.

- E acha que Van Dine o deixará trabalhar por aqui? Duvido muito.

- Por que falam em meu nome? De que se trata? - assim falando, Van Dine avançou pelo cabaré.

- Afinal tive a confirmação de que Henry não passa de um covarde - disse Betty. - Não tem coragem de enfrentar o sobrinho de Ben e seu amigo Donald.

- Estas mortes foram um ato de justiça. Tracy era um assassino. Matava os homens que lhe vendiam suas parcelas. Não há razão alguma para perseguir o homem que o matou.

- E o que eêle e seu amigo fizeram neste cabaré?

- Isso é diferente!

- A morte de um xerife e a do ajudante de Henry não são motivos suficientes para que estes dois sejam enforcados?

- Quando chegar o momento apropriado, serão enforcados. Mas não admito que você me dê ordens. Devia ter dado essa placa a Betty, Van Dine. Na verdade ela quer ser o xerife.

- Pare de se meter nos assuntos que compete ao xerife resolver, Betty - disse Van Dine.

Betty deu uma gargalhada.

- Vocês são dois covardes! - exclamou. Separou-se deles e foi para trás do balcão.

Henry sorria, mas Van Dine, muito pálido, correu atrás dela. Para o xerife, foi uma surpresa a atitude de Van Dine. Ignorava que Betty controlava Van Dine e todos os seus amigos. Aparentemente, todos obedeciam a Van Dine, mas na realidade, era ela quem dava as ordens. Uma ordem sua, e tanto Van Dine quanto o xerife seriam liquidados.

Van Dine conseguiu acalmar Betty e fizeram as pazes. Betty mandou chamar Cane. Durante muito tempo, o advogado permaneceu em seu quarto, conversando com ela. Quando saiu, foi em busca do juiz. Passou mais de duas horas conversando com ele.

A consequência da visita de Cane foi a ida do juiz ao acampamento de Tracy, para falar com Muriel.

Mas a jovem estava com Ben e seus companheiros. Compreendera que os crimes de seu pai eram imperdoáveis e que ele merecera a morte.

Todos os cortadores que trabalhavam para Tracy surpreenderam-se quando tomaram conhecimento das atividades secretas do patrão. O patrão fazia tudo em segredo.

O diretor do banco declarara que ele nunca estivera ali para sacar dinheiro. Na verdade, tinha muito pouco depositado.

Muriel mandou que os próprios cortadores escolhessem seu novo capataz. Sua idéia era vender o bosque, assim que aparecesse um bom comprador. Mas Ben

estava tratando de convencê-la a se unir a ele e outros. Formariam então um grupo de madeireiros, para lutar contra a Noroeste.

Spencer voltou a dizer que o dinheiro que tinha depositado no banco estava à disposição de Ben.

- Preciso voltar para tirar mais ouro - acrescentou. - Não gostaria que o acaso levasse até lá os homens que se empenham em descobrir onde achei tanto metal. Sei que estão me vigiando... Até agora, consegui enganá-los, mas depois do último depósito, vão passar a me vigiar mais de perto.

- Não vou lhe perguntar onde descobriu esse filão - falou John. - Mas preciso saber se é na região em que Lewis nomeou a si próprio delegado de minas.

- Não é em nenhuma dessas regiões de minas. Por isso ainda não me descobriram. Não é de hoje que os mineiros que tiveram uma pouco de sorte, "decidem" bruscamente afastar-se de sua riqueza. São assassinados por Lewis e seus pistoleiros. Mas acho que vão se surpreender se eu contar que é Betty quem dirige toda essa matança e exploração.

- Betty? - exclamou Ben. - Ora vamos, Spencer, sei que você não gosta dessa hiena, mas isso não é motivo para acusá-la de tudo que acontece de errado.

- Eu sabia que vocês iam se surpreender, mas é a verdade. É ela o verdadeiro cérebro. Tem experiência... Antes não se chamava assim. É a mesma mulher que andou no Colorado, à frente de um bando de assassinos. Conseguiram uma grande fortuna lá, eliminando os mineiros que tiveram sorte. E é esse dinheiro que empregaram aqui, nos bosques e em cabarés. Tive minhas dúvidas, até que um dia um mineiro, ao vê-la, empalideceu. Assustado, ele começou a beber, e eu aproveitei para fazê-lo falar. Ele conheceu Betty com o nome de Sarah Forrest. Algumas autoridades do Colorado pagariam qualquer coisa para poder aprisioná-la. Seria enforcada na certa. Quando ouvi o nome, eu que já conheceu a famosa Sarah Forrest, convenci-me de que Betty era mesmo ela.

- E por que não disse nada até agora? - perguntou Donald.

- A quem eu podia denunciá-la? Às autoridades? E se ela suspeitasse que eu sabia alguma coisa, minha vida não valeria um centavo. Tenho certeza que essas visitas noturnas aos madeireiros são idéia dela. Esse sistema não falha e vão conseguir um bom número de sócios. Todos trabalharão em benefício de Betty e sua camarilha. Quando tiverem no embarcadouro madeira, suficiente para carregar dez barcos, desaparecerão daqui, levando o ouro e a prata que estão roubando nas minas. Procurarão grandes companhias de Seattle e venderão as parcelas a bom preço. O mais certo é que partam para o Canadá. Talvez utilizem Markham, ameaçando denunciá-lo pelo tráfico de escravas brancas.

- Tem certeza que ela não o reconheceu? - perguntou Donald.

- Não entrei na taberna. Mas encontrei-a algumas vezes na rua,

- Van Dine era um dos integrantes do grupo?

- Deve ser. Tal como Lewis, que se tornou delegado de minas. E alguns outros,

que provavelmente se encontram entre os cortadores.

- O mineiro que reconheceu Betty ainda está por aqui?

- Estava tão assustado que deve ter sumido assim que passou a bebedeira. Mas não há dúvida nenhuma, é ela mesma.

- Você falou em cabarés... Ela tem algum outro além do Falcão?

- Vários. Na aparência, fazem concorrência com Betty, mas são todas dela.

- Não sabe quais? - perguntou John.

- Não.

Cane não encontrou Muriel no acampamento e falou com o novo capataz. Disse-lhe para avisar Muriel que precisava falar com ela.

- Mas talvez seja melhor eu passar alguns dias nesta casa. Afinal, Tracy era meu sócio. O capataz olhou para ele, sorrindo.

- Talvez seja perigoso - disse.

- Nossa sociedade está devidamente registrada. Não estou tentando enganar

Muriel, não se trata de nenhum roubo. A metade de tudo isso é meu e ela entenderá.

O capataz sabia onde se encontrava Muriel, e foi vê-la, depois que o advogado se retirou, comunicando-lhe o que ocorrera.

- É um canalha! - exclamou. - E como é amigo do juiz, devem ter ajustado as coisas para ficar com metade das parcelas.

- Iremos ver os registros - disse John. - Se foi feito agora, será fácil descobrir pela diferença na tinta.

- Eu irei com ela - disse Ben. - Talvez pretendam enganar a mim também.

- Não vou deixar aquele advogado covarde se instalar no bosque comigo - disse Muriel.

- Não se preocupe - disse Donald. - Tenho certeza que ele vai se arrepender de ter tentado essa comédia. Quando voltar lá de novo, vai nos encontrar a seu lado. E asseguro-lhe que as coisas vão ficar pretas para ele.

- É uma manobra de Van Dine. Assim ele conseguirá ampliar consideravelmente suas propriedades.

- Acho que vamos ter de passar alguns dias em Portland - disse John.

- Não devíamos ter ficado tanto tempo aqui. Agora devem estar pensando que temos medo de aparecer na cidade.

- Isto não tem a menor importância - acrescentou John. - Esta noite faremos uma visita ao cabaré de Betty.

- E eu vou entrar numa partida de poquer, certo? - disse Donald.

- A presa mais cobiçada sou eu - disse Spencer. - Nunca joguei sem estar bêbado. E estou louco para lhes dar uma lição. Não é que eu perdesse no jogo... O que acontecia era que acabava dormindo e aí me tiravam todo o dinheiro. Na manhã seguinte, diziam-me que eu perdera jogando.

- É preciso fazê-los perder muito para que Betty seja obrigada a dar dinheiro a seus jogadores profissionais. Porque antes de enforcar essa víbora, é preciso lhe arrancar o que andaram roubando durante tanto tempo.

- E eu servirei de mascote a vocês - disse Lysa,

- É muito perigoso para você aparecer lá - disse John.

Muriel ouvia a conversa, espantada. O que lhe interessava principalmente era o que Cane dissera no acampamento. Os rapazes logo voltaram ao assunto.

- Precisamos ir ao acampamento de Tracy para esperar a chegada de Cane - disse John.

- Acho que podemos confiar nos rapazes - disse Muriel. - Eles nunca tomaram parte nas atividades criminosas de meu pai e do capataz. E são bons lenhadores.

O novo capataz voltara para o acampamento, depois de informar Muriel. Ben, Spencer, Donald e John partiram com ela.

Lysa ficou para cuidar da cabana, que já fora totalmente construída, bem como a que devia alojar os trabalhadores.

Todos se instalaram na casa de Muriel. O capataz, depois de informar aos cortadores de árvores do que ocorria, garantiu a Muriel que estavam todos prontos para a luta.

John e Donald entraram em seu alojamento e conversaram demoradamente com todos eles.

Mas, até o dia seguinte, não foram incomodados por ninguém.

Pelo meio da manhã, chegou um grupo de cavaleiros. O xerife de Portland ia à frente. Muriel foi ao encontro deles.

Henry apeou e saudou a jovem.

Trouxe uma ordem do juiz para que estes lenhadores se instalem aqui - anunciou. - Ajudarão a cortar e transportar os troncos. O advogado Cane era sócio de seu pai, como já deve saber...

- Meu pai não tinha sócio algum. Não permitirei que estes homens fiquem aqui.

- Então vá até o juizado e se convencerá de que essa sociedade realmente existia.

- Não vou a lugar nenhum!

- É melhor ir, e assim evitará alguma violência.

- Tornem a montar, rapazes! - gritou Muriel. - Não vão ficar aqui!

- Já lhe disse que Cane era sócio de seu pai, garota. É melhor não pôr

obstáculos. É justo que estes homens fiquem aqui, para que o trabalho comece a render mais.

- Quero ver essa ordem do juiz - disse Muriel, sorrindo. - O juiz não sabe como se arrisca, nessa tentativa de roubo.

- Ficaremos aqui... - dizia um dos lenhadores.

Parou de falar quando viu que os lenhadores de Tracy os rodeavam. Junto a eles achavam-se John e Donald. Ao ver os dois, todos ficaram temerosos, pois suas façanhas eram bem conhecidas.

- Bem.... - disse o xerife, acovardado. - Se acharem que eles não devem ficar, até que a situação seja esclarecida... Aqui está a ordem... Eu apenas cumpro ordens.

- John! - disse Donald. - Desarme esses "valentes"!

Os homens foram desarmados em poucos instantes, e o xerife perdeu também sua estrela.

- Devemos enforcá-los! - disse John.

- Não temos culpa de nada! - alegou Henry. - Apenas cumprimos ordens.

Um dos lenhadores reconheceu entre eles os homens que visitavam as parcelas durante a noite, impondo o terror.

Agora não há escapatória! Já disse que somos inocentes! Não sabíamos de nada! Apenas nos mandavam para que os madeiros assinassem alguns documentos!

-- Providencie as cordas, John! - falou Donald. Henry percebeu então que era inútil continuar a discussão. Tentou sacar as armas e o mesmo fizeram seus quatro companheiros.

Mas Donald e seus amigos atiraram primeiro e logo os cadáveres dos cinco homens estavam estendidos no terreno.

- Vamos enterrá-los e nada diremos sobre sua vinda aqui - decidiu Donald. - Levaremos seus cavalos para a cidade e os deixaremos diante de algum cabaré. Iremos montados neles e ninguém perceberá nada.

- E os outros, mais tarde, levarão outros animais para que vocês possam voltar.

Muriel estava nervosa e foi para o acampamento de Ben, reunir-se a Lysa. Ali

se acalmaria. E os outros seguiram as instruções de Donald.

Os cavalos de Henry e seus companheiros foram amarrados diante de um dos cabarés da cidade.

CAPÍTULO 8

- Betty! - O xerife não apareceu? - perguntou Cane.

- Disse que ia fazer uma visita a Muriel. Pensei que cumpria alguma ordem sua.

- Ordem do juiz - disse Cane, rindo.

- Dá na mesma - disse Betty.

Betty já retirara os curativos do rosto e, na verdade, mal se notavam as cicatrizes.

- É estranho que ele ainda não tenha voltado...

Cane visitou o gabinete do xerife e tornou a voltar, anunciando que Henry ainda não regressara.

- O cavalo de Henry está na porta do cabaré de Leon - avisou um freguês.

Cane então se tranquilizou e pediu bebida.

- Ele devia ter me procurado para dar conta do resultado da missão - comentou com Betty.

- Daqui a pouco ele vem aí.

Mas as horas se passaram e Henry não aparecia. Contrariado, Cane foi para o cabaré de Leon.

- Procuo o xerife... - disse, olhando em volta.

- Henry? Não apareceu aqui.

- Como não apareceu? Seu cavalo está lá fora! Cane interrogou as empregadas e o garçom, mas ninguém tinha visto Henry. Voltou ao Falcão e desta vez encontrou Van Dine. Relatou-lhe o que se passava. Van Dine tranquilizou-o.

- Devem estar no quarto de Leon. Provavelmente não encontraram Muriel no acampamento e voltaram para fazer hora. Não se preocupem, daqui a pouco ele está aí.

Horas depois, Betty informou Cane:

- Sabe quem está na cidade? John e Donald! Lysa e Muriel vieram com eles e também Ben e Spencer.

- Por isso não encontraram Muriel no bosque... - Os dois forasteiros têm de ser castigados. É preciso procurar os lenhadores.

Betty estava nervosa e assustada. Não lhe agradava a presença de John e Donald na cidade. Chamou seus jogadores e recomendou-lhes que permanecessem vigilantes para acabarem com John e Donald logo que os dois aparecessem no cabaré.

Enquanto isso, num cabaré do cais, John, Donald e seus amigos conversavam. Donald perguntou a Spencer pelos cabarês de Betty. Spencer só conhecia três: dois no cais e outro na cidade.

- Vejam! - exclamou Lysa, repentinamente. - Aquele é Ostronder, o capitão que transporta mulheres da Califórnia.

John e Donald olharam para ele.

- Um de seus acompanhantes - informou Spencer - é o que figura como dono do Gaivota, um dos cabarês do cais.

Ostronder e seus dois acompanhantes sentaram-se a uma mesa. Mas Ostronder avistou Lysa e ficou nervoso.

- Vamos embora - disse. - Voltaremos mais tarde.

Enquanto saiam, Lysa sorria e comentou com os amigos:

- Tenho certeza de que vai correndo avisar Betty.

E não se enganou, pois Ostronder e seus amigos foram diretos para a taberna de Betty.

- Lysa está na taberna de Cook, acompanhada por alguns amigos.

- Eu já sei - disse Betty.

- Por que o xerife não vai lá para prender aqueles dois forasteiros?

- O xerife está desaparecido. Seu cavalo está diante do cabaré de Leon, mas ele não é encontrado em parte alguma.

Algum tempo depois, Betty voltou a reunir-se com Cane e Van Dine.

- Não é normal essa demora - dizia Van Dine. - Devem estar mortos.

Nada mais ocorreu naquela noite. Mas, na manhã seguinte, Betty foi informada por Dillon, o encarregado do Gaivota, que seu cabaré do cais fora incendiado e os jogadores enforcados, bem como o barman. Obviamente, aquilo era trabalho de Donald e seus amigos.

Furiosa, ela foi ver as ruínas no cais. Na volta, encontrou-se com Van Dine, no Falcão.

- Viu o que houve no cais? -- disse ele.
- Estou chegando de lá.

- Sabe quem fez isso? Donald e John. Descobriram os jogadores fazendo trapaça e os enforcaram, incendiando o local.

- Covardes! Alguém deve tê-los informado de que o cabaré me pertencia!

- Acautele-se! Eles podem fazer o mesmo com o Falcão.

- Não ousaram aparecer aqui!

Algum tempo depois, um garoto entrou e entregou um pacote a Betty, dizendo que fora enviado por um marinheiro. Betty abriu o pacote e viu, aterrada, a placa e o relógio do xerife.

- Há um bilhete! - disse Van Dine. - Deve ser uma mensagem para você.

Betty pegou o bilhete e leu. "Henry e seus quatro companheiros a esperam". - Os cinco homens! - exclamou Betty, aterrorizada, - Todos mortos!

CAPÍTULO 9

-- Isso é trabalho de Spencer, mancomunado com Donald e John - comentou Betty...- Ele sabe quem somos! Temos que acabar com eles, pois do contrário eles é que acabarão conosco!

Betty estava aterrorizada e resolveu sair do cabaré indo para o acampamento de Van Dine. Tinha certeza de que, se ficasse, seria morta por Donald e seus amigos.

Entrou em seu quarto e recolheu todo o dinheiro que tinha ali. Antes de partir, conversou com Van Dine para que ele mandasse Cane falar com ela.

- Ele precisa providenciar a venda dos cabarés - disse. - Nosso futuro aqui está terminado. Temos de nos mudar para outro lugar.

Mas quando chegou ao bar, um jogador avisou que Donald e John estavam entrando. Betty voltou correndo para seu quarto, saindo pela janela. O jogador deu uma gargalhada; conseguira enganar Betty, que estava apavorada. Sabia que ela não

voltaria enquanto Donald e John estivessem na cidade. Então conversou com seus companheiros, planejaram ganhar o máximo de dinheiro no jogo e depois fugir.

Van Dine foi visitar o juiz e comunicou-lhe a morte do xerife, avisando que no dia seguinte apontaria um substituto. Ao sair, pensou que talvez a solução para liquidar John e Donald fossem os marinheiros do cais, eram homens violentos, habituados a matar.

Teve a satisfação de encontrar Markham. Tiveram uma longa conversa e, quando saiu, Van Dine assoviava, prova que a conversa o alegrara.

Markham conversou com dois de seus homens e ofereceu quinhentos dólares a cada um pela morte de Donald e John.

- É uma oferta tentadora! - exclamou um deles. - Conte conosco.

Mais tarde, foram os três para o cabaré de Betty. Os dois marinheiros interrogaram as empregadas sobre Donald e John. Uma delas desconfiou de suas intenções e resolveu avisar Annie, pois era amiga de

Muriel e através dela Donald e John podiam ser prevenidos.

Quando voltou, vinha satisfeita.

- Annie prometeu avisar John e Donald - contou a uma colega. - Falei também dos jogadores que pretendem acabar com os dois...

Ao ser avisado, John comentou:

- Precisamos averiguar o que querem esses dois marinheiros e dar uma lição nos tais jogadores.

- Lembre-se que a moça estava muito assustada.

- Não esqueceremos - disse Donald. - O que me surpreende é a partida de Betty.

John e Donald, ao cair da tarde, montaram a cavalo e se encaminharam para a cidade. Desmontaram diante do Falcão e entraram, separadamente, confundindo-se com outros fregueses.

John foi o primeiro a entrar e aproximou-se do balcão, conversando com uma das antigas colegas de Lysa.

- São aqueles três - disse ela, apontando os jogadores a quem Betty dera a missão de matá-lo, se êle aparecesse.

Mas os jogadores, agora, estavam muito mais preocupados em jogar do que em desafiar os rapazes.

Quando Donald se aproximou, lhe relatou o que soubera. Como não queriam perder tempo, dirigiram-se imediatamente às mesas em que os homens jogavam.

A informante dissera seus nomes e Donald chamou um:

- Holmes!

O jogador levantou a cabeça e começou a ficar nervoso, ao reconhecer Donald.

- Esqueceram-se de vigiar a entrada do cabaré para quando chegássemos - disse Donald.

- Não sei do que está falando.

- Claro que sabe. Qual foi a ordem de Betty? Atirar em nós assim que entrássemos?

- Repito que não sei do que está falando.

- Você tem má memória. Todas as garotas sabem que você e seus amigos passaram uns dias vigiando atentamente, esperando a nossa chegada.

- Quando Betty ofereceu por nossa morte? - inquiriu John.

- Pensam que vão nos assustar porque têm fama de valentes? - replicou o jogador.

- Ainda não respondeu à minha pergunta - insistiu John.

O terceiro jogador estava em outra mesa, e por isto pensou que não o haviam reconhecido. Julgando-se em segurança, tentou sacar o revólver.

Mas tudo que conseguiu foi tirar a arma do coldre. Soaram vários disparos e sua cabeça foi varada diversas vezes.

Holmes, que estivera falando na intenção de distrair John e Donald para que o outro agisse, arregalou os olhos de espanto.

- Seu amigo era muito nervoso - disse Donald, sorrindo friamente. - Quer dizer que não se assustam conosco... não foi isso que disse ainda há pouco?

- Bem... Calma ... Não pense que íamos atirar em vocês...

- O que está acontecendo? - exclamou John. - Onde está sua coragem?

Ao ouvir mais tiros, o jogador levantou as mãos prontamente.

- Quem são estes dois? - perguntou John à pequena que o informara.

- O encarregado e um amigo seu - respondeu a jovem.

- Procurem duas cordas - ordenou John. - vamos enforçar esses dois.

Os dois jogadores preferiram tentar surpreender John e Donald e tiveram destino igual ao de seu companheiro.

- Um bando de covardes! Todos para a rua!- gritou Donald. - Vamos incendiar o ninho da "víbora"!

CAPÍTULO 10

- Já sabem! É preciso evitar a todo custo que os homens de Tracy conduzam troncos pelo rio.

- Fique tranquilo. Faremos com eles o mesmo que fizemos até agora com todos que tentaram.

- E precisam acumular a maior quantidade possível de madeira. Temos que encher o armazém, porque chegarão vários

barcos e é preciso haver carga para todos eles.

- Amanha transportaremos algumas toneladas de troncos pelo rio.

Os lenhadores se retiraram e Betty ficou a sós com Van Dine.

- Não sabemos nada de Lewis na nova região de minas - disse Betty. - É preciso chamá-lo aqui. e deve trazer todo o ouro que conseguiu retirar dos mineiros.

- Mandaremos alguém no barco que vai até Cascade.

A cabana de Van Dine era ampla e fora mobiliada com esmero, oferecendo um certo conforto.

Van Dine e Betty estavam sentados conversando, quando chegou um cavaleiro. Vinha nervoso e entrou correndo. Anunciou:

- O Falcão está pegando fogo!

- Não! - gritou Betty, transtornada, ficando de pé. - Não é verdade!

- Toda a população está nas imediações, apreciando o incêndio. E seis pessoas que não puderam sair morreram carbonizadas.

- O que aconteceu? - inquiriu Van Dine, visivelmente nervoso, a ponto de tremer.

O recém-chegado relatou o que acontecera e disse quem eram os mortos.

- Esses malditos forasteiros! Eu sabia que incendiariam o cabaré - exclamou Van Dine. - Por isso quis que você saísse de lá, Betty!

Betty estava furiosa.

- Agora não poderemos mais vender o Falcão, o melhor cabaré que já houve em Portland. Vão acabar nos deixando sem nada. E eles estão bem informados sobre os negócios que nos pertencem ou nos quais temos sociedade. Vão nos levar à ruína total.

- Devíamos ter vendido o cabaré há mais tempo - disse Van Dine. - Esperámos muito.

Como os dois estavam sozinhos, Betty disse:

- Vamos vender tudo isso e dar o fora! Tenho medo! Confesso que nunca senti tanto medo como agora! Todos tremiam, ao defrontar-se com a "Víbora", mas agora sou

eu que estou tremendo. Tenho medo desses dois forasteiros. Agora não se deterão diante de nada.

- É preciso dar tempo para que os dois marinheiros os encontrem. Não pense que desta vez escapam.

- Não confio em mais ninguém! Se eu não estivesse tão apavorada, iria pessoalmente dar cabo deles. Avise Lewis! Temos que nos apressar.

- Milhares e milhares de dólares transformaram-se em fumaça, como se isto não tivesse a menor importância. Cometemos um grande erro, ao não dar importância aceso sobrinho de Ben... e a seu amigo. Devíamos ter ordenado sua morte no dia seguinte ao de sua chegada.

Por fim, Van Dine resolveu ir ao povoado, para falar com Cane.

Partiu de noite, para ir em maior segurança e não ser visto por ninguém.

O advogado o recebeu preocupado.

- Sabe o que aconteceu no Falcão? - perguntou.

- Sim.

- O que disse Betty? Deve estar furiosa!

- Você pode imaginar... E agora não quer que continuemos lutando. É preciso encontrar compradores para as parcelas do bosque, imediatamente.

- Pretende vender todas as parcelas? Ou somente aquelas que lhe pertencem?

- Todas. Será mais fácil vender - respondeu Van Dine.

- E o que vão dizer os associados? Concordarão? É preciso que assinem os documentos de venda.

- A sociedade assina por eles. E depois lhes daremos sua parte.

- Se eles não quiserem vender, você não pode fazer isto.

- Está bem. Então venda o que é nosso e a madeira que há no armazém. Markham levará a maior parte do que foi armazenado.

- Ele tem tanto dinheiro assim? - perguntou Cane.

- Venderá em São Francisco. Pretendo ir no barco com ele.

- Acha que Betty deixará? Ela confia em Você?

- Sabe que pode confiar.

-Não pense que será fácil vender todas essas parcelas no bosque... Os compradores vão querer examiná-las antes.

- Eu sei. O que quero é que as venda de uma ou de outra maneira.

- Quanto pretende receber?

- O que calcula você? Parece que não insistiu na sociedade com Tracy, não?

- Mas farei valer meus direitos. Levarei o caso às autoridades de Olympia. Não creio que Muriel enfrente essas autoridades, que virão pessoalmente ou enviarão delegados. A sociedade é legal. Bem... acho que poderão tirar uns vinte mil dólares pelas parcelas... - disse Cane.

- Só isso? Não é possível! Eu mesmo me encarregarei da venda!

- Não encontrará compradores. Há muitos madeireiros vendendo suas propriedades por uma ninharia. Só há uma companhia que poderia comprar os terrenos da Noroeste. Mas não daria mais de vinte mil dólares, por todas as parcelas, inclusive as dos associados.

- Espere até eu voltar de São Francisco. É possível que lá encontre bons compradores.

Cane sabia que era um perigo deixar que Van Dine viajasse para lá, pois encontraria compradores em abundância, que estariam dispostos a pagar um preço justo.

- Bem... - falou. - É possível que aqui se consiga chegar aos trinta mil dólares.

- Se for só as nossas parcelas, é possível que eu entre em acordo com esses compradores.

- Dê-me alguns dias para entrar em entendimento com eles - disse Cane.

Saindo dali, Van Dine visitou os dois outros cabarés que eram propriedade do grupo.

Tanto os empregados quanto o encarregado estavam assustados. Van Dine tranquilizou-os com sua visita.

Uma vez recolhido o dinheiro que havia em caixa, partiu para o depósito de madeira. A quantidade de troncos ali empilhados devia valer aproximadamente um quarto de milhão de dólares.

Van Dine passou meia hora no escritório do depósito e partiu em busca de Markham. O que conversaram, deixou o capitão interessado, pois Markham apressou-se a telegrafar aos proprietários de barcos.

- Tenho certeza que vão concordar. Agora trate de ir armazenando a madeira que há na montanha.

- Em quatro dias, terei aumentado muito o que há no armazém. O rio será só para nós e mais ninguém!

- Não precisa tanta pressa. Para o meu barco há suficiente, e os outros vão demorar para chegar - disse Markham. - Em duas viagens dos seis barcos, pode-se levar meio milhão de dólares de madeira.

Van Dine sorria satisfeito, ao contar a Betty o negócio que fizera com Markham.

- Sabe o que podemos conseguir pela madeira já pronta? Meio milhão de dólares. Duas viagens dos seis barcos que virão recolhê-la e poderemos ir para onde quisermos, convertidos em verdadeiros milionários. Depois trataremos da venda das parcelas. Obteremos por elas mais um

quarto de milhão. Mas é preciso vender na Califórnia, mesmo que o comprador queira vir ver. Markham conhece possíveis compradores. Mas agora, o que interessa é levar para o depósito toda a madeira que há cortada no bosque. É preciso ficar no rio dia e noite. Se houver obstáculos, serão eliminados como das outras vezes. Os condutores de troncos vão armados com rifles. Mais homens armados percorrerão as margens, para evitar que outros madeireiros queiram utilizar o rio.

A Betty, tudo o que significasse dinheiro agradava. Mas perguntou:

- Quanto tempo vai levar até recebermos todo esse dinheiro?

- Uns meses.

- E acha que Ben e os outros vão ficar quietos? Para armazenar essa madeira em Portland, precisaremos utilizar o rio durante esse tempo.

- Já fizemos isso antes, sempre que precisamos.

- Mas Donald e John não estavam por aqui. E agora são madeireiros também.

- Quando morrerem alguns dos homens que trabalham para eles, os dois pensarão duas vezes.

- O que farão é vir atrás de nós. Vou partir par as minas e ver o que Lewis anda fazendo. Não confio nele.

- Nunca pensei que você pudesse ter tanto medo de duas pessoas. Mas é verdade que nunca encontramos dois homens como estes... Quanto já nos custaram? E continuam impunes. Os dois marinheiros ainda não conseguiram eliminá-los.

- Esperemos até que tenham uma oportunidade. Até lá, temos de ter paciência.

Mas Betty estava disposta a partir. Temia a luta aberta, e o negócio do rio seria uma clara provocação. Monopolizar o rio durante tanto tempo provocaria uma reação violenta. E ela não queria estar ali, quando isto acontecesse.

No dia seguinte, partiu cedo para Portland e embarcou num dos barcos que iam até Cascade, a região em cujas montanhas aparecera ouro. O capitão do barco era seu conhecido.

- Olá, Betty. Ouvi falar da destruição do Falcão. Deve ter sido um grande prejuízo.

- Gastei ali todo o dinheiro que tinha.

- Mas o negócio da madeira vai de vento em popa. Os preços sobem, e a Noroeste é toda de vocês.

- Há muitos associados.

Afinal Betty desembarcou e tratou de alugar um cavalo para poder subir à montanha. Só arranjou um cavalo vigoroso, por um preço exorbitante. Pagou também um guia e levaram todo o dia viajando.

No alto da montanha, entrou no acampamento, em que haviam construído uma taberna. Entrou, sentou-se a uma mesa e pediu uísque. Estava cansada.

A partir dali, teria de continuar viagem nas carretas. Mas quando foi solicitar passagem, ouviu um comentário que a fez retroceder. Procurou de novo o guia e disse que ia voltar ao barco e a Portland.

- Fez bem em não se meter nesse inferno - comentou ele. - Ouvi dizer que enforcaram o delegado de minas e um

grupo que trabalhava para ele, explorando os mineiros.

A morte de Lewis significava a perda de mais dinheiro. Betty estava transtornada.

Em Portland, sem passar pelo centro da cidade, foi direto ao depósito de madeira. Mandou que preparassem um cavalo. Queria estar pronta para poder partir para o acampamento a qualquer momento que fosse preciso.

- Já sabe da notícia, Betty? - perguntou Bois, o secretário da Noroeste.

- Que notícia?

- Van Dine está em dificuldades.

- O que houve?

- Pelo que dizem, ele ofereceu mil dólares a dois marinheiros do Alondra para que matassem Donald e John.

- Não acredito que isto seja verdade. Van Dine não seria capaz de uma atitude dessas!

- Limite-me a repetir o que ouvi. Os dois marinheiros foram mortos, quando tentavam matar Donald e John.

- Onde está Van Dine?

- Deve estar no bosque. Estava aqui quando chegou a notícia da morte dos marinheiros. Então montou a cavalo e partiu a galope.

- Isso é uma calúnia contra Van Dine! Ele não seria capaz!

- Veja, aí estão eles.

Betty demonstrou seu sangue-frio ao encarar com indiferença Donald, John, Ben, Spencer e mais dois homens, desconhecidos.

- Você não pode acreditar isso de Van Dine, Ben! - disse ela.

- Onde está ele?

- Deve estar trabalhando no bosque, que é o único negócio que realmente lhe interessa.

- Markham já confessou a participação de Van Dine no plano para matar Donald e John. Por que ele fez isso?

- Não devem acreditar...

- Vejo que você desconhece as últimas notícias - disse Donald. - Todos os sócios da Noroeste sabem que Van Dine preparava um grande embarque de madeira. Cane confessou tudo. Estes sócios se separaram

da Noroeste e querem o que lhes corresponde. Van Dine queria que Cane vendesse todas as parcelas para fugir com todo o dinheiro.

- Que covarde! Não confessou também que sua sociedade com Tracy nunca existiu? Foi tudo uma tramóia, em combinação com o juiz.

- Não se preocupe, Betty, já pagaram suas culpas. Foram enterrados ontem.

- Temos de ir buscar Van Dine no bosque - disse John.

- Os sócios já devem ter partido para lá - disse Ben. - Estão indignados e ninguém poderá contê-los. Não deixarão Van Dine escapar.

- Parece que desta vez as coisas não deram certo, Sarah - disse Spencer.

- Meu nome é Betty!

- Em Leadville, era Sarah Forrest. E Van Dine era Charles Forrest, seu marido. Quantos mineiros vocês assassinaram?

- Eu devia tê-lo matado, Spencer. Sabia que me reconheceria!

E se Spencer não estivesse alerta, ela o teria matado. Sacou uma pistola que levava escondida e morreu com ela empunhada.

- Era uma víbora humana! - comentou um dos forasteiros. - Com sua morte volta a paz a esta região.

FIM